UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

FESTA DO ENCONTRO, FESTA DADIVOSA: A TREZENA FRANCISCANA NA REGIÃO RURAL DE TABOCAS EM ABAETÉ/MG.

ÉLEN ÂNGELA SILVA

MARÍLIA/SP
2014

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

FESTA DO ENCONTRO, FESTA DADIVOSA: A TREZENA FRANCISCANA NA REGIÃO RURAL DE TABOCAS EM ABAETÉ/MG.

ÉLEN ÂNGELA SILVA

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – Campus de Marília, sob a orientação do Prof. Dr. Antônio Mendes da Costa Braga, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais

MARÍLIA/SP
2014

Silva, Élen Ângela.
S586f Festa do encontro, festa dadivosa: a trezena franciscana na região rural de Tabocas em Abaeté/MG / Élen Ângela Silva. – Marília, 2014.
90 f. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2014.
Bibliografia: f. 85-88
Orientador: Antônio Mendes da Costa Braga.

1. Festas religiosas – Abaeté (MG). 2. Antônio de Pádua, Santo – Festas. 3. Liturgia. 4. Exercícios devocionais. 5. Antropologia da religião. I. Título.

CDD 306.6

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

FESTA DO ENCONTRO, FESTA DADIVOSA: A TREZENA FRANCISCANA NA REGIÃO RURAL DE TABOCAS EM ABAETÉ/MG.

ÉLEN ÂNGELA SILVA

Marília, 27 de fevereiro de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: _____
Prof. Dr. Antônio Mendes da Costa Braga
Departamento de Sociologia e Antropologia da Unesp/Marília

2ª Examinadora: _____
Profª. Drª. Célia Aparecida Tolentino
Departamento de Sociologia e Antropologia da Unesp/Marília

3° Examinador: _____
Prof. Dr. Fábio Lanza
Departamento de Ciências Sociais da UEL

4° Examinador (Suplente): _____
Prof. Dr. Flavio Braune Wiik
Departamento de Ciências Sociais da UEL

5ª Examinadora (Suplente): _____
Profª Drª Mirian Lourenção Simonetti
Departamento de ciências Políticas da Unesp/Marília.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer os festeiros da trezena de Tabocas e a todos os devotos de Santo Antônio que fazem dessa festa um evento singular no Alto São Francisco. Não posso deixar de lembrar a acolhida e auxílio que tive na pesquisa por parte de Salminho Almeida. Agradeço também às irmãs Iria e Irene, ao Seo Zé Cândido por me receber em sua casa com café e alegria. Agradeço à dona Lurdes que me recebeu com memória invejável aos 87 anos. Agradeço ao Seo Pedro do Jacinto por me receber e contar vários causos e abrir o seu baú de suas memórias, do qual tirei o registro do folder da festa de Tabocas do ano de 1968. Agradeço aos mais novos festeiros Joice, Elisa e Gustavo que se dispuseram a conversar comigo sobre a trezena em Tabocas. Enfim, gostaria de expressar aqui minha gratidão a todos que tive a oportunidade de conhecer e fazer amizade.

Agradeço e reconheço o empenho da minha família na minha formação. Minha mãe Maria foi e continua sendo uma grande referência e fonte de alento nos momentos de dificuldade. Meu pai Ronaldo, meus dois irmãos e tios Paulinho e Eva também foram grandes incentivadores. Obrigada a todos pela torcida!

Meus amigos da UFU também estão presentes nos estímulos, nas alegrias e nas dificuldades dessa jornada. Agradeço à Lucília Mendes, Márcio Bonesso, Juliana Schroden, Clarissa Araújo, Hellen Tavares, Kamilla Soares, Felipe Silva e Jéssica de Paula.

Agradeço ao meu orientador, Antônio Braga, pelo incentivo e pelo apoio ao longo do mestrado. Obrigada por me ajudar nos trâmites burocráticos e nas minhas dificuldades, por me fazer entender um pouco melhor do universo da pesquisa acadêmica.

Agradeço também aos professores da FCC Marília. Agradeço particularmente à professora Christina Rubin, pelas contribuições fundamentais na disciplina sobre Pierre Bourdieu. Agradeço a professora Célia Tolentino por me fazer compreender melhor a dinâmica dos ruralismos brasileiros e, sobretudo, as sutilezas da arte e do cinema. Por fim, agradeço ao professor Donizetti Tuga, que veio da Universidade Beira Interior (UBI) ministrar uma disciplina sobre globalização e religião para nós, alunos da Unesp.

Aos meus colegas de Pós-Graduação que compartilharam os anseios e alegrias desse caminhar. Agradeço particularmente ao Carlos Spinelli, pois sua força de vontade me serviu de inspiração e nossas conversas no Kanashiro me deram saudade dos tempos passados em Alagoas. Agradeço também a Sandra Mara, Samara Carvalho, Aparecida Amorim, Carlos Eduardo e todos que tive a oportunidade de dividir esse caminhar.

Agradeço a Patrícia Magnabosco, mais que uma professora, um exemplo de profissional e ser humano. Obrigada pelas noites regadas à vinho, violão, Chico e Elis!

Agradeço ao Gustavo Tenório, pela bela amizade capixaba iniciada nos ares montanhosos de Ouro Preto e pelas trocas de músicas e filmes.

Agradeço também a Carla Cursi e a Carol Cursi, que me acolheram em Marília quando cheguei nessa cidade.

Agradeço os meus queridos amigos de Assis, Ana Prado e Peterson Paulino.

Ao Cássio Shiraishi, agradeço pelo afeto, pela interlocução e companheirismo. Sua presença é fundamental nessa e nas demais travessias!

À Nina, minha Golden, pela companhia sem igual.

Por fim, agradeço à CAPES, pela viabilização dessa pesquisa.

“Não sou homem de Igreja. Não creio e isso me dá uma tristeza. Porque, afinal, tenho em mim a religiosidade exigível a qualquer crente. Sou religioso sem religião. Sofro, afinal, a doença da poesia: sonho lugares em que nunca estive, acredito só no que não se pode provar. E, mesmo se eu hoje rezasse não saberia o que pedir a Deus. Esse é o meu medo, só os loucos não sabem o que pedir a Deus. Ou não se dará o caso de Deus ter perdido a fé nos homens? Enfim, meu gosto de visitar as igrejas vem apenas da tranquilitude desses lugarinhos côncavos, cheios de sombras sossegadas. Lá eu sei respirar. Fora fica o mundo e suas desacudidas misérias.” In: Estórias Abensonhadas, Mia Couto.

Para Cássio Shiraishi.

RESUMO

Essa pesquisa é resultado da etnografia da festa de Santo Antônio das Tabocas, realizada na região do Alto São Francisco, Minas Gerais. A festa é um evento vinculado diretamente às famílias que habitaram e ainda habitam as regiões rurais de Abaeté e à devoção franciscana. A coleta dos dados foi viabilizada através do trabalho de campo com o objetivo de entender como são as práticas religiosas dos festeiros que comemoram a eficácia desse taumaturgo através da trezena. Esta é composta por treze dias de festa e de orações contendo rezas de terços, entoação de hinos e cânticos, celebração da palavra e missas que culminam na chamada "grande festa" no dia 13 de junho, dia de Santo Antônio segundo o calendário católico. A trezena é singularizada através do seu caráter litúrgico, e é, sobretudo, um momento de encontro daqueles que migraram e que se consideram distantes da sua terra de origem. A imagem taumatúrgica de Santo Antônio é celebrada por meio da ação dos franciscanos que, por muito tempo, estiveram presentes na região. Nesse sentido, a pesquisa apresenta parte da hagiografia de Santo Antônio e mostra como o tempo da festa se converte em momentos de encontro, de retorno às origens.

Palavras-chave: festa, trezena, devoção, liturgia.

ABSTRACT

This research is a result of the ethnography of St. Anthony of Tabocas party, realized in the region of Upper San Francisco, Minas Gerais. The festival is an event bounded directly to the families who lived and still live in rural areas of Abaeté and to the Franciscan devotion. The data collection was made possible through fieldwork in order to understand how are the religious practices of the revelers that celebrating the effectiveness of this miracle worker by trezena. This consists of thirteen days of celebration and prayer, containing tell one's beads, singing hymns and songs, celebration of the word and church masses that culminating in the so-called "big party" on 13th June, day of St. Anthony according to the Catholic calendar. The trezena singularized through his liturgical character, and, is above all, a moment of meeting those who migrated and who consider themselves far from their homeland. The thaumaturgic image of St. Anthony is celebrated by the action of the Franciscans that, for a long time, were present in the region. In this sense, the research presents part of the hagiography of St. Anthony and shows how the time of the party becomes moments of encounter, return to origins.

Keywords: party, trezena, devotion, liturgy

Lista de Figuras

Figura 1 - Imagem de Santo Antônio da capela de Tabocas 18
Figura 2 – Localização da cidade de Abaeté/MG 24
Figura 3 - Casa de sitiantes de Tabocas 25
Figura 4 - Casa de sitiantes em Tabocas 26
Figura 5 - Atual capela de Santo Antônio das Tabocas 27
Figura 6 - Capela durante o momento em que se realiza a trezena. 28
Figura 7 - Imagem de Santo Antônio na Praça Neném Método 29
Figura 8 -Entrada do povoado de Tabocas 30
Figura 9 - Caderno de prédicas que compõem a trezena franciscana 38
Figura 10 – Santinho de Santo Antônio 41
Figura 11 – Pocilga com os porcos para o leilão 42
Figura 12 - Famílias de festeiros reunidas no Rancho Alegre 43
Figura 13 - Casa dos Festeiros 44
Figura 14 – Ex-votos 46
Figura 15 - Ex-votos 47
Figura 16 - O Altar da Capela de Santo Antônio 49
Figura 17 – Distribuição dos pães 52
Figura 18 - Eucaliptos para construção da fogueira 55
Figura 19 - Construção da Fogueira 56
Figura 20 – Festeiros do ano de 1982 mostram a fogueira daquele ano 57
Figura 21 - Desfile com os carros de boi 62
Figura 22 – Desfile com os carros de boi 62
Figura 23 - Bois e carreios após o desfile 63
Figura 24 - Quadrilha 65
Figura 25 – Procissão de Santo Antônio 66

Sumário

INTRODUÇÃO 11

CAPÍTULO 1 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS 14

1.1 - A experiência do encontro 16

1.2 - O território da festa 20

CAPÍTULO 2 – AS ORIGENS DA DEVOÇÃO FRANCISCANA EM TABOCAS 25

2.1 – A festa como categoria de análise social 30

2.2 - O calendário da trezena e suas prédicas 37

CAPÍTULO 3 - A DEVOÇÃO: AS PROMESSAS, OS EX-VOTOS E A COMPOSIÇÃO DA SALA DOS MILAGRES 46

3.1 - A comensalidade e as trocas dadivosas 48

3.2 - O mutirão ou o trabalho como festa 53

3.3 - As quadrilhas e a despedida da trezena 64

CONSIDERAÇÕES FINAIS 68

APENDICE I - Transcrição das Prédicas lidas durante a trezena 69

APENDICE II – Entrevistas 75

REFERÊNCIAS 85

ANEXO 89

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é resultado da etnografia da festa de Santo Antônio das Tabocas e se pauta na tentativa de compreender a trezena franciscana sem a pretensão de esgotar a compreensão sobre o tema. Realizada na região rural do Alto São Francisco a trezena se caracteriza por ser um momento de encontro entre os antigos moradores das regiões rurais de Abaeté e também por reverenciar o caráter taumatúrgico de Santo Antônio. A trezena é composta por treze dias de orações, contendo rezas, missas e prédicas que são realizadas anualmente. A partir da trezena, ocorrem vários eventos, como a reunião de famílias e amigos, encontros de migrantes dos sítios das regiões rurais de Abaeté, desfile de carros de bois, almoços coletivos, sendo que todos esses eventos estão diretamente ligados à devoção a Santo Antônio e só ocorrem uma vez por ano, no momento da trezena, sobretudo nos últimos dois dias. A trezena é a festa da região rural de Tabocas e constitui um meio privilegiado de entender a dinâmica cultural da localidade. Assim,

> ... a festa constitui fecundo campo para pensar a vida humana em coletividade sob sua dupla modulação, a de agregação (estar-junto) e a de imaginário (fabulação, desejo, campo do possível), pois em seus diferentes regimes de empiricidade, opera ligações as mais variadas e inusitadas, possibilitando para quem dela participe a vivência (desdobrada em experimentação) de uma existência outra que a do real socializado, uma existência que é própria da festa (Perez, 2008, p.30.)

As prédicas são como os panegíricos, realizadas na trezena e consistem na leitura de mensagens que revelam fragmentos da vida de Santo Antônio aos fiéis que se direcionam a Tabocas e divulgam a composição básica da trezena através dos conselhos e indicações contidas em suas mensagens. A leitura das mensagens é realizada pelo padre diocesano da Paróquia de Nossa Senhora do Patrocínio em Abaeté e pelos festeiros que organizam a festa.

O procedimento de análise outrora proposto por Chianca (2007) se mostra relevante para a pesquisa na festa de Santo Antônio das Tabocas, na medida em que a antropóloga realça a importância de se compreender uma festa através da análise sócio-histórica que, no caso das festas juninas nordestinas de Natal/RN, dá aporte para entender a memória individual e coletiva da maioria dos habitantes das grandes cidades. Na pesquisa, percebe-se que é elevado o número de pessoas que se encontram e reafirmam seu sentimento de pertença

através dos momentos festivos. O mesmo ocorre em Tabocas em sentido inverso, pois os festeiros e devotos de Santo Antônio saem das cidades mineiras e da capital de Belo Horizonte para poderem assistir a festa numa região rural que outrora viveram ou experimentaram algum sentimento de pertença com relação a ela. Assim, a festa guarda relação direta com o fenômeno da migração, para Chianca,

> O "interior" representa esse algures que "ficou pra trás"; ele territorializa (na festa, antes e também depois dela) uma experiência ambivalente, pois é simultaneamente um lugar/ tempo/ lembrança que se pretende superar, mas no qual permanecem laços de família, amizades ou recordações que fundamentam o presente na nova vida do migrante. Segundo a experiência migratória, esse lugar será mais ou menos rejeitado ou querido, rememorado ou idealizado, mas ele permanecerá o território "por excelência" da festa. (CHIANCA, 2007, p. 46.)

A pesquisa apresentada também se volta na tentativa de se compreender a hagiografia de Santo Antônio pela importância que esse taumaturgo possui na região do Alto São Francisco. Para Michel de Certeau, a hagiografia é um gênero literário que privilegia os santos e visa à edificação.

> A hagiografia é a rigor, um discurso de virtudes. (...) cada vida de santo oferece uma escolha e uma organização própria destas virtudes, utilizando para este fim o material fornecido seja pelos fatos e gestos dos santos, seja pelos episódios pertencentes ao fundo comum de uma tradição (CERTEAU, 1982, p. 274)

Por meio do trabalho de campo realizado na cidade de Abaeté e nas suas regiões rurais, não foi raro ver imagens, objetos que lembram o TAU[1] franciscano, santinhos e objetos que materializam a devoção ao santo e enfatizam sua virtude apostólica, ou seja, seu dom inato de pregar e promover a evangelização. Assim, a hagiografia, como mostra Galli (2003) também se refere às prédicas, às histórias da vida do santo e aos ex-votos como fonte e prova dos milagres recebidos.

Nesse sentido, o primeiro capítulo revela as questões metodológicas inerentes ao fazer etnográfico e coleta de dados durante o trabalho de campo. Em seguida, traz o histórico da vida de Santo Antônio e destaca as origens da festa franciscana na região. A festa de Tabocas

[1] O TAU é um símbolo que caracteriza vários membros da família franciscana e adeptos do franciscanismo de modo geral. Como mostra Filho, o TAU é a última letra do alfabeto hebraico, décima nona do alfabeto grego e a original na forma de cruz. Normalmente, o TAU é usado como crucifixo e pode ser encontrado em lojas de artigos religiosos. (FILHO, 2006, p. 15/16)

está circunscrita dentro dos limites da cidade de Abaeté e, por isso, procurou-se destacar aspectos importantes da formação histórica dessa cidade, que foi importante centro minerador do oeste de Minas Gerais.

O segundo capítulo apresenta as origens da devoção franciscana em Tabocas e os aspectos hagiográficos de Santo Antônio. Relata a experiência do encontro com os festeiros e devotos durante a trezena e revela a importância da festa como um meio privilegiado de análise social.

O terceiro capítulo se volta para as origens da devoção franciscana em Tabocas e trata da relação dos devotos com Santo Antônio e os desdobramentos dessa prática. Assim, a importância dos ex-votos e a composição da Sala dos Milagres, a dimensão dadivosa dos fiéis com os alimentos, a importância do trabalho coletivo-mutirão, a comensalidade e finda com a descrição da montagem da fogueira, da festa de Santo Antônio – no dia 12 de junho e da quadrilha.

Nos apêndices constam as prédicas de Santo Antônio, e algumas entrevistas que foram selecionadas e realizadas com os festeiros e devotos de Santo Antônio durante a trezena, entre os dias 1 e 13 de junho de 2012 e 2013.

CAPÍTULO 1 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta dissertação é resultado de uma pesquisa realizada na região rural de Tabocas no momento da Trezena de Santo Antônio, uma festa católica muito conhecida pelos habitantes do oeste de Minas Gerais, e que se realiza tradicionalmente no mês de junho na referida comunidade e que tem seu ápice nos dias 12 e 13 de junho.

A comunidade de Tabocas é um povoado do município de Abaeté, Minas Gerais. Abaeté localiza-se na mesorregião central de Minas, na microrregião de Três Marias. Encontra-se, portanto, próximo à Represa de Três Marias, na bacia hidrográfica do Rio São Francisco, mais precisamente na parte conhecida como Alto São Francisco (que se estende da nascente deste rio até a cidade de Pirapora, MG).

Meus primeiros contatos com a festa da Trezena de Santo Antônio de Tabocas ocorreram no período em que fazia minha graduação em Ciências Sociais. A partir desses contatos fui me interessando por essa festa e dei início a um trabalho de campo através do qual fui conhecendo várias pessoas que fazem e participam dos festejos, de tal forma que passei a registrar as práticas devocionais e afetivas gestadas a partir de Santo Antônio.

Conforme fui adentrando no universo da pesquisa meu objetivo passou a ser o de compreender qual a importância dessa trezena[2] para as pessoas que a fazem acontecer e as motivações que inspiram a re-atualização constante dessa festa no Alto São Francisco.

Durante o mestrado, fui a campo seguidas vezes e inicialmente realizei a pesquisa qualitativa orientando-me por uma relação de perguntas pré-definidas, que tinham como objetivo a coleta de informações que me possibilitassem entender como eram as práticas religiosas dos festeiros de Tabocas através da etnografia. Essas informações e respostas eram registradas em caderno de notas junto com minhas impressões sobre os acontecimentos observados e foi usado para que eu pudesse registrar as ideias que poderiam se perder após o momento do encontro com os entrevistados, festeiros e devotos. Em outras oportunidades, através do gravador, fiz entrevistas com perguntas previamente selecionadas que serviam como um guia, mas em muitas ocasiões pude constatar que a conversa informal era o meio

[2] Uma Trezena, ou Trezena de Santo Antônio, é um ritual com semelhanças com uma novena. Uma das diferenças dessa ultima é que a Trezena é realizada durante treze dias e feita em homenagem especificamente à Santo Antônio, cujos festejos são tradicionalmente realizados no dia 13 de junho.

mais rico de obtenção de dados. A câmera fotográfica também foi um meio de registro audiovisual da festa. Por meio deste trabalho foram obtidas mais de 30 horas de entrevistas e variados materiais litúrgicos que foram compostos para a feitura da trezena e um acervo com mais de 180 fotos.

O trabalho de Favret Saada (2005) foi de fundamental importância para a construção metodológica da pesquisa em função da dimensão do afeto - da afetação - encontrar-se no centro de suas discussões, a autora provoca uma revisitação do tradicional modelo malinowskiano de pesquisa. Favret considera que o trabalho de campo vai muito além da observação e da participação que funda a bipolaridade pesquisador *versus* pesquisado. Assim, o clássico método da pergunta-resposta, preocupado em "falar pelo outro" ou traduzir sua linguagem deixa de ser central na etnografia. A experiência de campo nessa perspectiva é variante em cada pesquisa e independe da simpatia, pois nas palavras de Favret "*aceitar participar e ser afetado não tem nada a ver com uma operação de conhecimento por empatia, qualquer que seja o sentido que se entende por esse termo* (FAVRET 2005, p.158) No método à lá Malinowski, "*o povo é falado mais do que fala, aparecendo como um objeto do discurso administrativo, não como sujeito de um discurso autônomo* (FAVRET apud GOLDMAN, 2005, p.149). Portanto, a temporalidade na pesquisa dentro dessa perspectiva que estou adotando é relacional e não se enquadra no tempo dos trâmites acadêmicos canônicos. O afeto vivenciado no trabalho de campo não é aquele que escapa da razão, mas o resultado de um processo de afetar, aquém ou além da representação (GOLDMAN, 2005, p.150). O trabalho de campo, nesse sentido, é uma relação onde a comunicação involuntária e desprovida de intencionalidade muitas vezes assume grande importância. O fato relevante é, portanto, o de que conversas informais com festeiros e habitantes da cidade de Abaeté me guiaram em muitos caminhos e escolhas decisivos na construção do meu objeto de pesquisa.

Embora a afetividade como modalidade inerente ao trabalho de campo não implique na necessária identificação do pesquisador com seu objeto de estudo, me senti identificada e afetada pela festa, pois minha genealogia está fundada em Abaeté. Muitas vezes, a lembrança dos meus antigos antepassados me vinha à memória quando escutava relatos sobre a vida na região rural de Tabocas e a importância da trezena para aqueles sujeitos. O desafio maior na pesquisa foi fazer o exercício de estranhamento do familiar. Muito embora não conhecesse a maioria das pessoas na festa antes de me propor a estudá-la, me sentia em casa, como quem já conhece as passagens, os becos e as histórias do lugar. Assim, uma das tradicionais premissas

das Ciências Sociais, a objetividade científica, se esbarrava com meu objeto através da minha relação com ele. Fato certo é o inevitável envolvimento do pesquisador com sua pesquisa desde o momento da escolha de seu tema. Assim, a realidade, seja ela familiar ou exótica, sempre é filtrada por um determinado ponto de vista do observador (VELHO, 1997, p.129). É como se houvesse um *anthropological blues* inverso. Explico-me. Numa carta recebida pelo antropólogo Roberto da DaMatta (1978) de uma colega estadunidense que estudava uma população indígena no interior do Brasil, eram relatadas as dificuldades existenciais e iniciais do antropólogo no campo, onde a necessidade de transformar o exótico em familiar era imperativa para dar sentido lógico e coerente às práticas que se estava observando. Da mesma forma, esta experiência habilita o antropólogo a exercitar a fórmula em sentido inverso, quando do retorno à sua própria sociedade, aprendendo a estranhar o familiar para melhor compreendê-lo (OLIVEIRA, 2007, p.8). Esse exercício dá suporte para enfrentar as contingências que aparecerem durante a pesquisa. Em suma, para DaMatta, esse exercício tem impacto no plano dos sentimentos de modo que a antropologia é uma forma de entendimento do mundo social e de si mesmo. Minha experiência com essa pesquisa me aproximou desta perspectiva proposta por DaMatta, dado que tive de lidar inúmeras vezes com a complexa relação entre o familiar e o exótico (exótico aqui no sentido de estabelecer um olhar de estranhamento para com aquilo que tantas vazes me parecia bastante familiar).

1.1 - A experiência do encontro

Contudo, não dista muito o tempo em que tive meu primeiro contato com a Trezena de Santo Antônio de Tabocas. Isso se deu no ano de 2008, quando estive diante da necessidade de entregar um projeto de monografia na disciplina de Metodologia de Pesquisa, no curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia (UFU/MG), e comecei a refletir sobre a possibilidade de pensar um tema de pesquisa dentro dessa festa que há décadas faz parte do calendário litúrgico de Abaeté. Sendo assim, a pesquisa ora apresentada deu seus primeiros passos através do incentivo do professor Paulo Albieri e na tentativa de aprofundar a análise da festa, foi feito o projeto de mestrado, derivado das janelas abertas no findar do trabalho monográfico.

Esta festa, como o próprio nome indica, desenvolve-se em torno da imagem taumatúrgica de Santo Antônio, sendo que ela é celebrada por meio da ação dos franciscanos[3] que por muito tempo estiveram presentes na região. Santo Antônio é um santo católico franciscano de grande apelo popular. Ele também é conhecido como Santo Antônio de Lisboa (em referência à cidade em que ele nasceu, Lisboa - Portugal), ou Santo Antônio de Pádua (em referência à cidade onde ele viveu, Pádua – Itália nos seus ultimos anos de vida e veio a falecer, no dia 13 de junho de 1231). Ele viveu entre o final do século XII e primeiras décadas do século XIII.

Tendo sido batizado como Fernando fora originalmente um frade agostiniano, tornando-se posteriormente franciscano no ano de 1220. Manteve relação com o próprio São Francisco de Assis, fundador da ordem homônima. Como franciscano adotou o nome de Antônio. Teve bastante prestígio em vida, sendo reconhecido como grande teólogo, místico, asceta, orador e taumaturgo ao qual foram atribuídos muitos milagres. Canonizado pela Igreja Católica um ano apos sua morte, tornou-se objeto de grande veneração e devoção, estabelecendo-se padroeiro de muitos e de muitas causas, de tal forma que é um dos santos mais populares do catolicismo. Sua devoção é particularmente forte em terras lusitanas, sendo ele o padroeiro de Portugal. A propósito da hagiografia de Antônio, pode-se considerar que ao menos em parte deve-se aos colonizadores portugueses a relevância de sua devoção em terras brasileiras, onde igualmente é um santo muito popular, sendo objeto dos mais diferentes tipos de práticas, ritos e festas religiosas.

Na identificação dos festeiros pelo bairro Marmelada em Abaeté, encontrei Salmo Almeida, mais conhecido como Salminho e que relata orgulhosamente que sempre levanta de madrugada em tempos de festa para ajudar nos preparativos da trezena e está disponível para resolver qualquer demanda trazida por outros festeiros no momento da organização festiva. Os primeiros e principais festeiros, segundo a narrativa por ele contada, foram os seus avós e bisavós, pertencentes à família portuguesa dos “Almeida” e dos “Frederico”, sendo que estes últimos foram seus parentes mais longínquos.

[3] Segundo Filho “os franciscanos têm como figura principal Francisco de Assis, este homem iniciou seu caminho de religioso por meio de uma visão mística, em 1205, na qual recebeu uma mensagem divina na igreja de São Damião vinda do grande crucifixo que estava sobre o altar. Passado algum tempo, ele começou a restauração dessa igreja, já que entendera muito ao pé da letra o pedido que ouvira de “restaurar a igreja”. Já sendo um pregador ambulante e vivendo como mendigo começa a fazer adeptos e ter companheiros de vida. Em 1209, com o crescente aumento de seus seguidores, vai à Roma e recebe a autorização do Papa Inocêncio III para formarem e serem uma ordem religiosa católica oficialmente. Ele a denomina de Ordem dos Frades Menores.” (FILHO, 2006, p.11).

Em busca de riqueza e vida próspera, conta ele, essas pessoas se fixaram no sertão, no lugar que mais tarde seria chamado Abaeté, levando assim suas crenças, seus hábitos e seus costumes. Aqui convém mencionar que as festas eram incentivadas pela Igreja Católica e, segundo Oliveira, Antônio Teodoro (conhecido como Nico Teodoro) era figura importante da história de Abaeté, participando inclusive dos festejos em companhia de dona Joaquina de Pompéu

> Em 1817, participava ele em Pitangui, das grandes festas que, por ordem do Governador da Capitania, ali se celebraram, comemorando a aclamação do Rei D. João VI, festividades que se prolongam de 22 a 30 de maio, numa sucessão ininterrupta das mais diversas demonstrações de alegria oficial: alvoradas por banda de música, préstitos solenes, paradas militares, descargas marciais, bailes, representações teatrais, fogos, Missas, Te Deum, etc. D. Joaquina do Pompeu lá se achava também, tendo levado e apresentado "uma trincheira de touros, que se correram de pé"; e no "dia 29, apresentou o Cap. Antônio Teodoro de Mendonça uma cavalhada de 16 cavalheiros, que se correu a quatro fios, sendo cada um diverso nos trajes, com cavalos ricamente ajaezados. << A relação desses festejos está publicada na Rev. Do Arq. Pub. Mun., vol. De 1906, pp. 725 e 726.>>. (OLIVEIRA, 1970, p.86).

Figura 1 - Imagem de Santo Antônio da capela de Tabocas

Esses relatos vão de encontro com as observações de Vainfas e Souza (Vainfas, Souza, 2000), quando esses autores observam que a relação da sociedade brasileira com as festas religiosas remete-se ao período colonial português. Segundo esses autores, as festas religiosas eram particularmente relevantes no século XVIII seja pelo seu caráter religioso, seja pelo caráter político e social. Vainfas e Souza apontam que as festas eram uma parte importante da extensão de Portugal em relação à Colônia. Grandiosidade, integração social, luxo, ostentação, rivalidade entre elite colonial e irmandades, espaço de sociabilidade, dinâmicas de inclusão e de diferenciação social e desigualdade - tudo

isso estava presente nas festas religiosas, que eram profundamente populares e converteram-se em partes relevantes da história da sociedade brasileira e sua formação.

Nesta perspectiva, pode-se considerar que as festas também eram intrínsecas à vida das pessoas que vinham para Minas - no que podemos incluir a região de Abaeté e oeste de Minas Gerais. E dentre essas festas estavam aquelas dedicadas à devoção a Santo Antônio. Segundo Boschi, já no período setecentista havia em Minas Gerais dez irmandades coloniais com seus oragos dedicados a Santo Antônio, sendo que as festas, por sua vez, aumentavam e reforçavam o prestígio das irmandades. Assim, decorrentes das determinações tridentinas, as festas do calendário litúrgico e de homenagem aos santos patronos das irmandades impregnavam, desde o momento inicial, o exercício da religiosidade nas terras mineiras. (BOSCHI, 2007, p.72).

Em se tratando da festa de Tabocas, tipicamente franciscana (o que tem relação direta com o santo em questão), é interessante ressaltar que sua execução é primordialmente dedicada a Santo Antônio, embora haja a presença de outros santos católicos na Capela de Tabocas. Daí que os dias da primeira quinzena de junho singularizam a personalidade deste taumaturgo nas prédicas, mostrando de forma marginal os seus pares como, por exemplo, Santa Clara de Assis, São Sebastião, Nossa Senhora do Rosário e São Francisco que, em outras datas, também recebem suas homenagens festivas. Por isso, a apresentação de quem foi esse santo e seu vínculo com os franciscanos torna-se fundamental. Neste sentido, parte do trabalho da pesquisa foi conhecer a hagiografia do santo. Para tanto a leitura do trabalho de Galli (2003) foi de importante valia. Segundo a autora,

> Santo Antônio nasceu em Lisboa na última década do século XII. Ingressou na vida religiosa na ordem dos Cônegos Regulares de Santo Agostinho, tornando-se mestre em teologia. Porém, em 1220, seduzido pelo ideal de vida fransciscano, mudou de ordem religiosa se tornando frade menor. Como missionário embarcou para a África, para cristianizar muçulmanos. Devido a problemas de saúde, frei Antônio teve que retornar à Europa. Uma tempestade desviou seu barco para Sicília e, desde então, o frei estabeleceu-se na província franciscana da Itália. Graças aos seus conhecimentos teológicos e ao seu talento como orador, fez inúmeras viagens por toda Itália e sul da França para pregar e combater os chamados hereges, como também para ensinar teologia dogmática, recebendo, posteriormente, o título de Doutor Evangélico da Igreja. Frei Antônio morreu em Pádua, aos trinta e seis anos de idade, em 1231. Menos de um ano depois, veio à público sua canonização, expedida pelo papa Gregório IX." (GALLI, 2003, p.19).

Santo Antônio é, portanto, um dos santos católicos cuja hagiografia é bastante destacada entre os demais santos, tendo inclusive, recebido o título de Padre da Igreja - título atribuído pela Igreja Católica para aqueles santos canônicos de reconhecido destaque teológico.

A devoção ao santo europeu, português, não tardou em influenciar as práticas religiosas em Minas e, tendo em vista o campo de pesquisa, toda a cidade de Abaeté. Influência que se faz presente ainda hoje, sendo que foi possível ver devotos de Santo Antônio nas casas dos entrevistados que residem em Abaeté, tendo eles sempre alguma referência que lembra Santo Antônio, seja em forma de santinhos de papel, que são produzidos para agradecer os pedidos atendidos e divulgar a fé católica, seja em formas de belas imagens adornadas, que materializam a relação de devoção daqueles que acreditam no poder do taumaturgo.

Como mostra Galli (2003), Santo Antônio também teve sua trajetória singularizada no Brasil por estar ligado ao exército como santo guerreiro no período dos seiscentos, protetor militar das possessões portuguesas, era responsável por defender os domínios portugueses na América das invasões dos "hereges" franceses e holandeses, por proteger os senhores das revoltas escravas e, ainda, por ajudar na recuperação de escravos fugidos. Assim, foi considerado um santo branco em Minas Gerais, ao contrário de Nossa Senhora do Rosário, que foi singularizada por promover a proteção dos negros.

Ainda dentro da perspectiva hagiográfica em que o santo é apresentado, de acordo com o cartaz de convite da trezena realizada em Tabocas, região rural da cidade de Abaeté, as características fundamentais de Santo Antônio são: a caridade, a benevolência e compaixão às crianças empobrecidas, a humildade, a capacidade em ser missionário e evangelizador, a peculiar característica de deparar coisas perdidas, a benevolência em dar pão aos pobres, a abstinência frente aos prazeres mundanos e a capacidade do santo em fortificar os laços familiares, principalmente aqueles concernentes ao matrimônio. Em suma, trata-se de um santo de grandes virtudes e grandes capacidades como taumaturgo.

1.2 - O território da festa

Abaeté é uma cidade cheia de dissensos. Nem mesmo sobre o nome da cidade existe igualdade de opiniões, segundo as pesquisas de Oliveira (1970), este nome pode se referir, para sua tristeza, aos "selvagens, bugres" que habitavam a região ou até mesmo às características dos gentílicos, podendo significar homem bravo, valente ou até mesmo "gente feia". "*ABAETÉS – (No oeste, vale atual do Abaeté, Alto S. Francisco). Gentio de horrenda feição, que aí outrora dominou. O verdadeiro nome desse gentio é abaite (alcunha tupi, decomposta em aba-até), com significado de gente feia, horrenda, de aspecto repulsivo*. (OLIVEIRA, 1970, p.70). Nas descrições sobre a região, Oliveira ressalta que, nas bandeiras, a língua tupi era mais empregada que a portuguesa, devido a presença de muitos índios "amansados"[4] na localidade. Essas mesmas informações podem ser obtidas no jornal comunitário da cidade, o Nosso Jornal[5], que reproduzem as ideias do memorialista ao contar a história da cidade.

Cabe destacar que a região onde hoje é a cidade de Abaeté foi território de índios Caxixós. Como ressalta Caldeira (2006), há vários registros historiográficos sobre a presença desses indígenas na região de confluência entre o rio São Francisco e o rio Pará. Muitos foram escravizados na propriedade da fazendeira Joaquina de Pompéu[6] e se uniam aos escravos que

4 Antônio Cândido mostra no livro *Os parceiros do rio bonito (2001)* que, além da devastação e da predação, o bandeirismo trouxe consigo formas próprias de ocupação do solo que acarretaram na fusão entre herança portuguesa, do primitivo habitante da terra e, posteriormente, do negro. A língua geral era falada por todos nesse momento. O livro revela ainda os meios de subsistência, criados a partir de uma sociabilidade baseada no mínimo social de habitação, abrigo e organização nos chamados bairros rurais, onde se entrelaçaram aspectos biológicos, econômicos, religiosos, lúdicos e sociais. Após o ciclo das bandeiras, a cultura caipira persistia na forma de posseiros, agregados e sitiantes nos chamados bairros rurais. Mais tarde, os proprietários das fazendas de cana, gado e café ligaram-se ao mercado, tornando-se vulneráveis às intervenções da economia. Assim, ocorria que frequentemente havia participantes da cultura caipira, que nem sempre eram integrantes dela em suas especificidades.

5 O Nosso Jornal é a folha comunitária da cidade de Abaeté. Os textos retratam os principais acontecimentos da cidade, suas festas típicas, culinária, contendas políticas, etc. Suas edições do início da década de 90 serviram como importante meio para conhecer as origens da festa de santo Antônio das Tabocas. As edições de junho de 2011 trazem reportagens especiais sobre a ação dos padres jesuítas em Minas Gerais.

6 Joaquina de Pompéu foi personagem emblemática na história do oeste mineiro, contrariando a ideia de que só homens comandavam fazendas com braço de ferro. Na pesquisa de Noronha (2007) temos um importante registro historiográfico que elucida a história dessa mulher. No livro de sua autoria, vemos que: em homenagem à Joaquina, foram construídas uma rua em Abaeté que levou seu nome no ano de 1938. A cidade vizinha, Pompeu, ganhou esse nome também para homenageá-la. Em outras cidades, bairros e bustos foram feitos para lembrar a presença dela nas terras mineiras, sobretudo nas cidades de Mariana, Pitangui e Pompéu. Nessa cidade, ocorrem festas anuais visando comemorar o aniversário da matriarca. Nascida em 1752, era conhecida por seu gênio "comercial", "sádico" e "autoritário" e, aos 32 anos, era superior ao marido na administração das terras da família. Era considerada "macha" nos relatos colhidos e descritos por Noronha, uma vez que comandava, além das gentes e negócios, a criação de 43.560 cabeças entre gado de criar, bois de corte e de carro. Ficou viúva precocemente e era vigiada pelos olhos dos homens e da Igreja por atuar na esfera pública, ganhando fama de mulher libidinosa.

eram levados para Minas Gerais guiados pela cobiça dos colonizadores. Assim ressalta Caldeira:

> Como trabalhadores nas fazendas ou como jagunços, os caxixós conviveram intensamente com a população escrava (negra e indígena) mantida até a segunda metade do século XIX por Dona Joaquina. "Índios carijós" (indígenas escravos trazidos para a região com os bandeirantes) e os negros escravos, somados à população indígena caxixó, constituíam a principal parcela da mão-de-obra das fazendas. Ao compartilhar a situação de submissão, os caxixós estabeleceram também com a população cativa laços de parentesco. Através do casamento, caxixós e negros escravos estabeleceram o que denominamos de a segunda "mistura" na composição da genealogia do grupo étnico.(Caldeira, 2006.p.57)

Abaeté começou a ser explorada por volta de 1730. Nessa data, afirma Noronha (1970), já constam relatos de sertanistas apossando de terras que, mais tarde, seriam legalizadas por meio das sesmarias. Em cartas datadas de 1737 lidas por Noronha, foi possível constatar relatos de "descobridores" que já possuíam, naquele momento, escravaria e gado em suas fazendas. Esses mesmos sertanistas que passaram pelas terras do oeste de minas, seguiam dando nomes aos acidentes geográficos, córregos e rios da localidade.[7] No livro deste autor que conta a história da cidade, existem pelo menos onze sesmarias com descrição de suas respectivas porções de terras e seus proprietários. Abaeté foi notada na história mineira por ser uma região aurífera conhecida na Europa pela grandiosidade e riqueza dos seus diamantes - que eram procurados exaustivamente pelos administradores oficiais da colônia. Um dos diamantes mais famosos extraídos na localidade foi denominado o "Diamante do Abaeté", retrato da riqueza abundante em terras mineiras, as pedras preciosas atraíam cobiça e braços de todos os cantos, rendendo, muitas vezes, alforria aos escravos mineiros que tinham a sorte de encontrar pedras de acentuado valor. Destaco aqui relato feito por Oliveira,

7 Oliveira relata com acuidade como era feito o processo de identificação dos locais da região de Abaeté "Essa primitiva toponímia, sancionada pelas cartas de sesmarias e outros documentos antigos, devêmo-la aos que primeiro trilharam essa zona, os quais, para sua própria orientação, iam batizando rios, montes, lagoas, várzeas, ao sabor das circunstâncias: uma moita de Tabocas serviu-lhes para designar o curso d'água, que passava junto; surpreenderam um veado a beber num riacho, e êste ficou sendo o Córrego do Galheiro; nas margens do ribeirão, que agora banha a cidade, encontraram grande quantidade da gostosa fruta silvestre conhecida por *marmelada-de-cachorro*, e desta extraíram o nome para a corrente, dispensado o cínico apêndice, por amor à brevidade e ao bom gôsto. Assim o mais. E os acidentes geográficos, desta maneira rotulados, mais adiante transmitiriam seus nomes às fazendas e povoados, que vieram a formar-se nas áreas adjacentes." (OLIVEIRA,1970, p. 9-10)

> Faço saber à junta de administração da Real Fazenda da Capitania de Minas Gerais que a Rainha, minha Senhora, em atenção à denúncia e entrega, que fizeram, de um diamante grande, de peso de sete oitavas e três quartos, o Comandante e mais pessoas que compunham a partida que o descobriu nas cabeceiras do Rio Abaeté, foi servida mandar dar-lhes as gratificações pecuniárias que constam da relação inclusa n°1 e que importam em 10:400$000, incluídos 1:000$000 que se destinam para resgatar e pôr em liberdade os 14 prêtos cativos que se achavam na referida partida (OLIVEIRA, 1970, p. 27)

Já Noronha (2012), a propósito desse período, narra que havia grande vigilância sobre os garimpeiros clandestinos, escravos ou não. Revela, ainda, que com o declínio das atividades mineradoras, personagens que mais tarde seriam importantes para a organização política de Abaeté participavam como oficiais da Real Extração Diamantina do Abaeté e Indaiá, órgão fiscalizador da colônia. Cabe destacar que Abaeté também ganhou notoriedade na Alemanha em função das intervenções do então viajante alemão Wilhelm Ludwig von Eschwege, que em Minas Gerais ficou conhecido como barão von Eschwege[8]. Esse viajante aplicava seus conhecimentos de mineralogia na região oeste de Minas Gerais, relatava com acuidade a botânica das terras pelas quais passava e seus escritos são ricos em descrição que versam sobre flora, fauna e organização social das cidades mineiras emergentes.

Posteriormente, Abaeté foi se tornando cidade em função das decisões tomadas pelo então proprietário da fazenda de Sant'Ana. Esta fazenda, como esclarece Noronha (2012), produzia açúcar e aguardente, ganhando acentuada prosperidade e notoriedade na região e, através dela, a figura do emblemático Barão de Indaiá foi reverenciada através do seu poderio como político e da sua abastança, que lhe garantiram escravos, agregados e afilhados, importantes para a política partidária na região. Foi Barão de Indaiá quem criou as Câmaras de Dores do Indaiá e Abaeté.

O município de Abaeté encontra-se à margem esquerda do rio São Francisco no centro oeste mineiro, tendo sido povoado num movimento específico da história do oeste de Minas Gerais denominado "fuga da mineração". As primeiras moradias da cidade foram feitas no

8 Natural do grão-ducado de Essen, parte para Portugal e depois passa para o Brasil, contratado para trabalhar na mineração onde procura por à prova sua formação científica pluridisciplinar (mineralogia, metalurgia, geologia, botânica e outras ciências naturais) adquirida no meio germânico, no qual a renovação do ensino tinha lugar, galvanizada por um espírito de interação de várias áreas. Chega no Brasil em 1803 com o objetivo de desenvolver suas capacidades de avaliação, experimentação e observação. Em 1807 é integrado ao exército português com a patente de capitão e em Minas Gerais teve um vasto laboratório de ensaio e pesquisa. (NETO, 2007, p.385-386)

distrito de ordenanças da Barra do Marmelada, por volta de 1780 (NORONHA, 2008). A cidade de Abaeté está circunscrita hoje dentro dos limites do Circuito Turístico do Lago de Três Marias - que foi construído para o represamento das águas do rio São Francisco. Segundo dados do governo estadual de Minas Gerais[9], o represamento desse rio implicou na construção de uma das maiores barragens de terra do mundo, são 21 bilhões de metros de água e 1040 km² de superfície. A economia da cidade se baseia na pecuária leiteira e de corte, na indústria de laticínios, fruticultura e confecções de roupas. Segue o mapa com a lozalização de Abaeté no mapa[10]:

Figura 2 – Localização da cidade de Abaeté/MG

A festa de Santo Antônio das Tabocas, como já foi mencionado anteriormente, se realiza na cidade de Abaeté. Tendo uma parte dos habitantes emigrados para outras cidades ou regiões de Minas ou outros Estados brasileiros, nem todos os festeiros residem hoje em Tabocas ou mesmo Abaeté. O fenômeno da migração ajuda a compreender o sentido que a Trezena tem e assume nos dias de hoje, de tal forma que se de um lado a festa ocorre num lugar específico, a questão da territorialidade tem significados muito mais amplos. O segundo capítulo traz as origens da devoção franciscana em Tabocas e os aspectos hagiográficos de Santo Antônio.

[9] Para obtenção dessas informações, consultar: http://www.turismo.mg.gov.br/ , acesso em novembro de 2013.
[10] Mapa retirado do endereço eletrônico: http://pt.wikipedia.org/wiki/Abaet%C3%A9 acesso em janeiro de 2014.

CAPÍTULO 2 – AS ORIGENS DA DEVOÇÃO FRANCISCANA EM TABOCAS

Retomando a questão da trezena, a trezena franciscana é uma celebração com caráter litúrgico desde o seu início. A palavra liturgia, como mostra a pesquisa de Tosta (1997), é derivada do grego *leitourgia*, cujo significado é "função pública" (*laos* = povo; *ergon*=obra, trabalho). É algo que se faz (*urgia*) e não apenas discurso (*logia*). Foi traduzida como ação sagrada ou simbólica cristã, fundando-se na ação de Cristo no interior da igreja enquanto uma comunidade de discípulos. A liturgia é uma festividade que inclui, além da missa, outras celebrações como a do casamento, a do nascimento, a da morte, dentre outras. (TOSTA, 1997, p.72). A liturgia é um encontro com a palavra de Deus expressa muitas vezes através de seus intercessores, os santos católicos. No caso de Tabocas, região rural da cidade de Abaeté, a liturgia é vivenciada pelos devotos através da trezena de Santo Antônio.

Tabocas é uma região rural de Abaeté, conhecida pelos festeiros como um povoado, pois residem na localidade por volta de 15 famílias que vivem da criação de porcos, galinhas, pequenas plantações de mandioca, milho, verduras e criação de gado de leite. O cultivo de milho é importante para os sitiantes, uma vez que serve de alimento para porcos e galinhas, a palha do milho seco também serve para fazer os fumos de rolo, conhecido também como fumo crioulo ou de corda.

Figura 3 - Casa de sitiantes de Tabocas

As famílias vivem em pequenos sítios e arrendaram boa parte de suas terras para a monocultura de eucalipto para poderem subsistir na região. Muitos vão morar em Abaeté e nas pequenas cidades da região e, no momento do corte do eucalipto, recebem parte da produção. Embora à primeira vista a paisagem pareça monótona pelo deserto verde dos eucaliptais, há sempre um resquício de cerrado para alegrar a vista de quem passa. O gado de leite também pasta entre os eucaliptais, pois o cultivo da árvore não impede o plantio de pastagem entre as árvores.

Muito diferente das casas que outrora compunham o cenário de Tabocas, que eram barreadas, construídas com madeira e revestidas de palhas da Palmeira-Indaiá, comum na região décadas atrás, os sítios atuais são construídos com tijolos e nos quintais de alguns que circundam a Capela de Tabocas pode-se observar a presença de goiabeiras, laranjeiras, mamão, banana, mexerica e mandioca. Em Tabocas, alguns sítios encontram-se fechados e servem de espaço de descanso para os proprietários que se mudaram para Abaeté depois que arrendaram suas porções de terra. Alguns sitiantes que foram residir em Abaeté e retornam na ocasião das missas rezadas na capela de Santo Antônio mensalmente.

Figura 4 - Casa de sitiantes em Tabocas

A primeira capela de Santo Antônio da região de Tabocas foi construída em meados de 1857, pelo chamado Capitão Davi José Pereira, então proprietário da fazenda Saco Redondo, que abrangia o antigo e o atual povoado de Tabocas. No Jornal Comunitário da cidade, a motivação da construção da Capela se justifica em função do filho do então capitão, Padre Davi José Pereira Júnior, querer ali exercer seu sacerdócio. Durante o trabalho de campo, pude contrastar diferentes fontes que versam sobre a devoção franciscana em Tabocas. Há pelo menos duas narrativas sobre a história da devoção franciscana. A oficial, tida como verídica pelo padre diocesano Paulo Dias e a popular, vinda dos leigos e festeiros. Em entrevista concedida pelo padre diocesano, hoje celebrante da festa foi relatado que

> Desde muitos e muitos anos, há mais de 150 anos que esta devoção a Santo Antônio vem crescendo nessa região, ela foi trazida lá de Paracatu e agora, com o passar do tempo, as pessoas vão transmitindo essa fé para seus filhos, netos e bisnetos.[11]

[11] Essa e todas as demais entrevistas citadas foram realizadas pela autora durante o trabalho de campo feito para a coleta de dados do mestrado em Abaeté e na região rural de Tabocas durante as trezenas entre os dias 1 e 13 de junho dos anos de 2012 e 2013.

Figura 5 - Atual capela de Santo Antônio das Tabocas

Dentro dessa perspectiva, a devoção franciscana na região não pode ser desvinculada da influência que Paracatu teve em sua formação. Essa foi a cidade onde ocorreu a chamada última descoberta aurífera em Minas Gerais, no vale do Rio Paracatu em meados do séc. XVIII. A Igreja Santo Antônio da Manga de Paracatu foi a matriz da cidade que, naquele momento, era conhecida como "Arraial de Santo Antônio da Manga". Foi erigida pelo padre Antônio Mendes Santiago em 1744. A Igreja é um dos monumentos da arquitetura colonial em Minas Gerais que, em 1962, teve sua importância reconhecida pelo Instituto do Patrimônio Histórico Nacional.[12] A entrevista concedida pelo padre Paulo vai ao encontro com as informações contidas no livro memorialístico que narra a história de Abaeté. Na narrativa, aparecem mencionadas as visitas pastorais com fins de fincar a hegemonia da religiosidade católica nas terras mineiras. Segundo o relato o trajeto dos freis missionários seguiam a rota Portugal – Recife/PE, Recife/PE – Paracatu/MG e Paracatu/MG – Abaeté/MG, com o objetivo de forçar à harmonia conjugal dos numerosos casais chamados de desavindos e separados, lançando mão de medidas violentas, como excomunhões e até prisões. Em relatos contidos no livro sobre a imposição religiosa cristã em Paracatu, não raro aparecia história dos revoltosos queimados sob o julgo do Tribunal do Santo Ofício (OLIVEIRA,

[12] Informações retiradas do Inventário Cultural de Paracatu –Secretaria Municipal de Cultura.

1970, p.162-163). Da igreja Matriz de Santo Antônio da Manga em Paracatu, vieram os leigos das irmandades de Santo Antônio que trouxeram a trezena e a imagem do taumaturgo para a região rural de Tabocas.

Segundo Salminho e as fontes contidas no arquivo do Nosso Jornal, a imagem de Santo Antônio que fica na capela de Tabocas possui estilo barroco e teria saído de Portugal por volta de 1700 e desembarcado em Pernambuco de onde rumou para a região de Abaeté por meio da intervenção de um padre jesuíta que seguiu sua viagem atravessando o rio São Francisco. Imagina-se que o religioso tenha navegado até a região rural do Paredão, de onde não teria conseguido prosseguir, devido as corredeiras do rio, tendo se embrenhado no mato até chegar ao córrego de Tabocas. Ali, ele teria deixado a imagem e construído a primeira capela.

Figura 6 - Capela durante o momento em que se realiza a trezena.

Hoje, a capela de santo Antônio das Tabocas está vinculada a Paróquia de Nossa Senhora do Patrocínio, criada em julho de 1864, e encontra-se sob a responsabilidade do padre Paulo que é pertencente à Diocese de Luz que foi criada em 9 de julho de 1918, cuja sede diocesana fica no município de Luz, Minas Gerais.

Segundo os documentos oficiais da Diocese de Luz, a Capela de Tabocas foi consagrada a Santo Antônio no dia 13 de junho de 1918 pelo Padre Vicente de Mendonça. Nos registros há relatos que a Capela de Tabocas foi construída e demolida várias vezes em função dos enterros que eram feitos em suas mediações, prática comum na época, e também em razão das erosões provocadas pelas chuvas que acabavam por danificar as estruturas precárias iam sendo erguidas para lhe dar sustentação. No final dos anos 60, foi construída a atual capela de Santo Antônio das Tabocas e os enterros foram oficialmente proibidos em seu entorno.

Através de pesquisa feita por Filho (2006) com freis da Ordem dos Frades Menores (OFM), podemos compreender as peculiaridades trazidas pelos freis em Abaeté. Na análise do

referido pesquisador, os franciscanos possuem normas morais que devem ser seguidas a fim da darem exemplo àqueles que estão no pecado. Assim:

> A noção de pobreza franciscana caracteriza-se por os frades não possuírem nada próprio onde as respectivas ordens não procuram ser instituições ricas. Objetivam com isto constituírem como aqueles que estarão com o povo, "que em sua maioria nada tem". Já a noção de fraternidade franciscana seria o ideal de unidade interna da ordem de São Francisco, o qual não queria distinções entre seus irmãos. O terceiro ponto que destacaram os freis franciscanos foi o da missão de evangelizar que implica em não só estarem prontos para irem onde quer que a Igreja e/ou as Ordens precisarem deles, mas também estarem sempre anunciando o Evangelho e acolhendo a todos. (FILHO, 2006, p. 13).

Figura 7 - Imagem de Santo Antônio na Praça Neném Método

Nesta perspectiva, a vida de abundância material e isenta de sofrimentos não se encontra neste mundo, e sim, num vindouro, que só será possível se a vivência baseada numa moral santa for praticada. A pobreza é marca insígnia dos franciscanos, que em Tabocas é representado numa estética que figura uma apresentação de parcela dos freis que são vistos durante a trezena. É quando se vê durante a etnografia em Tabocas fiéis e crianças durante a Trezena com os pés descalços, ou com sandália surrada de couro, visando, através da dureza dos dias sofridos de peregrinação e abstenção, dar exemplo de uma espiritualidade impecável sem mácula e nem manchada pelo pecado tão temido entre os cristãos franciscanos[13].

[13] Em se tratando do aspecto da estética franciscana, é importante lembrar como se coloca a roupagem e os aparatos que identificam os sujeitos da Ordem dos Frades Menores, na qual está inserido o frei de Abaeté, orador principal da festa. Filho observa quatro pontos: "1) O hábito da ordem, seja o cinza dos conventuais brasileiros ou o marrom dos observantes e capuchinhos (mesmo que tenham os dois últimos o detalhe do capuz ser preso ou solto da gola do hábito é o seu diferencial); 2)A sandália franciscana de couro; 3) o cordão prende o hábito, cindido a cintura, e com os três nós feitos das pontas deste, representando os votos religiosos que fizeram; 4) o terço franciscano, também chamado de Rosário ou Coroa Franciscana, preso ao cordão do hábito, é composto de sete dezenas de Ave Marias, que se iniciam com o Pai Nosso e terminam com o Glória ao Pai, como no terço comum." (FILHO, 2006, p. 19)

Ao se pensar na liturgia dentro da festa, é importante rememorar Boróbio que mostra que ela é uma práxis simbólica que procura mudar o mundo das representações e das comunicações através de símbolos eficazes e de palavras performativas que constituem uma vida humana e radicalmente fiel (BORÓBIO apud TOSTA, 1997, p.73).

Figura 8 -Entrada do povoado de Tabocas

Nas celebrações em que estive presente, a prédica franciscana se fundamenta na ideia de que num mundo cheio de tentações e carregado de promiscuidade, o taumaturgo é modelo que procura mudar os direcionamentos de vida das pessoas, tornando-as santas. Antes de se tomar uma atitude, consultar-se-á a figura de Santo Antônio através de preces e orações, confissões e emulações. Assim, a realidade da trezena franciscana de Santo Antônio é produto da relação que os sujeitos estabelecem com sua devoção e com a localidade mesclando as versões oficiais e leigas que explicam as origens e sentindos de existir da festa.

2.1 – A festa como categoria de análise social

As festas foram objeto de estudo de diversos autores, que a tomaram sob perspectivas e enfoques diversos. Na perspectiva sociológica, pode-se dizer que Durkheim apresenta uma primeira análise dentro das ciências sociais por um viés funcionalista, assinalando que toda festa sempre denota um caráter religioso e possui três características. A primeira consiste na superação das distâncias individuais, a segunda apresenta a produção de um estado de efervescência coletiva e por fim, a terceira mostra que o momento não-ordinário corrobora para transgressão das normas sociais. Assim, Durkheim afirmara que

> (...) toda festa, mesmo quando puramente leiga por suas origens, tem certos traços de cerimônia religiosa, pois sempre tem por efeito aproximar os

> indivíduos, pôr em movimento as massas e suscitar, assim, um estado de efervescência, às vezes até de delírio, que não deixa de ter parentesco com o estado religioso. O homem é transportado para fora de si, distraído de suas preocupações ordinárias (DURKHEIM, 1996, p.417)

Duvignaud em *Festas e Civilizações* (1973) propunha outra perspectiva de análise das festas e a seguinte classificação: Festa de Participação e Festa de Representação. As Festas de Participação incluem a comunidade local aonde ela se realiza, onde as pessoas organizam e participam da festa. Isso propicia o sentimento de pertença em relação ao patrimônio imaterial em questão. As Festas de Representação são aquelas marcadas pela reprodução de práticas e elementos culturais voltados ao lazer e ao entretenimento da massa consumidora. É a festa espetacularizada, com atores, expectadores, sem densidade de valores ou sentimento de pertença.

No livro *Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*, Bakhtin (1987) mostra com acuidade a sutil composição das praças, das ruas e dos espaços públicos em momentos festivos que tinham a função de abertura e desestabilização do poder oficial vigente através do nivelamento das pessoas por meio da ausência de hierarquia e suspensão de normas e regras.

Se pensarmos nas especificidades da festa de Tabocas, a pesquisa de Chianca (2007) se mostra de importante valia para compreender a dinâmica da trezena. A pesquisa revela como a festa pode gerar possibilidades de compreensão de temas como migração e memória. Segundo sua análise, as festas juninas estreitam os sentimentos de pertença entre a comunidade através de símbolos e práticas que dão aos festeiros e romeiros a sensação de retorno ao lugar de origem. Considerando que o contexto de Abaeté, e Tabocas em particular, é um contexto de emigração, esta colocação de Chianca é muito pertinente ao universo da pesquisa. A Trezena é, sem dúvidas, também um momento de encontro daqueles que migraram, que estão distantes daquela que consideram sua terra de origem, suas raízes. O tempo da festa converte-se, desta forma, num tempo de encontro e de retorno.

E neste tempo e lugar de retorno e encontro que é Tabocas durante a Trezena de Santo Antônio podemos destacar o recurso da memória. Memória aqui sendo colocada num sentido próximo ao daquele proposto o Maurice Halbwacks, enquanto memória coletiva, memória do grupo, que envolve a capacidade de lembrar mediante a presença no grupo.

Halbwacks, na sua obra *A Memória Coletiva* (1990), coloca que as memórias são construções dos grupos sociais, sendo esses, seus membros, que definem o que é memorável e

os lugares onde a memória será preservada pelo grupo[14]. Considerando o caso aqui analisado, a Trezena de Santo Antônio em Tabocas, isso é muito pertinente: na festa as lembranças tornam-se memórias. Lugares, passagens da vida (infância, juventude, histórias sobre os antepassados), casos e causos são rememorados, são recontados, convertendo lembranças pessoais em parte da memória do grupo, provocando o duplo movimento. O primeiro é o de permitir que aquele que conta e aqueles que confirmam a veracidade da lembrança ou que se reconhecem nela faça parte de algo que é muito mais um nós do que um eu. O segundo movimento é o de estabelecer, tornar particularmente real o sentimento de grupo, de coletividade, de pertença a algo que é maior que eles em suas individualidades, e que ao mesmo tempo eles pertencem, eles são parte. Há algo que se recriam todos os anos, em junho, em Tabocas. Algo que aqueles que sentem "filhos daquela terra" conseguem conectar, criar.

Dentre aqueles que se destacam na realização da Trezena estão os festeiros. Igualmente relevante para a festa são os devotos de Santo Antônio. É preciso não perder de vista que estamos falando de uma festa marcadamente religiosa. É na devoção ao santo que se ancora toda festa. A devoção a Santo Antônio é o *Leitmotiv* da festa. Mas ela não é feita apenas de festeiros e devotos. Além desses há de se destacar os expectadores da festa que são atraídos pela diversão e pelo aproveitamento do tempo não trabalhado por meio do lazer. O lazer é estudado por diversos autores[15] como uma ação que se contrapõe e se distancia das obrigações da vida moderna, aparecendo ligado à ideia de recreação, diversão, ócio e leveza. Gomes (2008), em sua pesquisa sobre o tema, aponta que a etimologia da palavra lazer é proveniente do latim, porém, ela possui uma variação semântica que sofreu transformações no decorrer do seu processo histórico, social, pedagógico e cultural. A autora aponta ainda a existência de referências gregas e romanas nas abordagens sobre o tema. A *skholé* grega é um exemplo de correlação, se revestindo da beleza do teatro, da tragédia, da comédia e da

[14] Segundo Halbwacks, "quando entra numa igreja, num cemitério, num lugar sagrado, o cristão sabe que vai encontrar lá um estado de espírito do qual já teve experiência, e com outros fiéis, vai reconstruir, ao mesmo tempo, além de uma comunidade visível, um pensamento e lembranças comuns, aquelas mesmas que foram formadas e mantidas em épocas anteriores, nesse mesmo lugar". (Halbwacks, 1990, p. 155)

[15] Aqui, temos o lazer conceituado por dois estudiosos do assunto. Em Stanley, o "lazer é tempo livre de trabalho e de outras obrigações, e também engloba atividades que se caracterizam por um sentimento de (relativa) liberdade". (PARKER apud MIRANDA 2004:84). Já em Dumazedier, o lazer é mostrado como o "único conteúdo orientado para a realização da pessoa com fim último" um tempo em que o indivíduo "..se libera ao seu gosto da fadiga, descansando; do tédio, divertindo-se; da especialização funcional, desenvolvendo de maneira interessada as capacidades de seu corpo e de seu espírito". (DUMAZIER *apud* MIRANDA 2004: 91).

declamação de poesia. Nesse sentido, o lazer compunha naquele momento uma dimensão e uma forma de produção cultural[16].

Diante das mudanças ocorridas durante o século XIX, tendo como emblemática desse período a Revolução Industrial, o lazer se tornou importante enquanto categoria analítica e depois desse processo, começou a ganhar espaço nas discussões de políticas públicas voltadas para trabalhadores dos centros urbanos. Cunhado a partir das categorias marxianas do "não trabalho", tem profunda relação com o desenvolvimento da sociedade moderna e disciplinar baseada no controle e na divisão das funções concernentes ao ato de trabalhar.

Na festa de Tabocas, as motivações diferenciam as práticas dos expectadores e dos festeiros e devotos na trezena. Diferente dos expectadores da festa que querem aproveitar o tempo livre, os festeiros e romeiros são aqueles que sentem diretamente ligados a devoção franciscana e são fiéis ao lugar, fiéis a região rural de Tabocas. O espaço compõe um lócus de análise privilegiado para pensar a distinção entre o expectador e o devoto de Santo Antônio, pois é através do espaço que podemos entender o elo que liga o migrante ao lugar de origem. Martins (1988) dá importante contribuição para pensar as especificidades de Tabocas mostrando que as celebrações litúrgicas estavam diretamente ligadas ao tempo e ao espaço do ciclo cotidiano do caipira e sua relação com os ciclos da natureza. As regularidades da natureza e as regularidades da religião combinam-se em função do trabalho rural e da atividade humana com a natureza. Assim,

> o migrante temporário, ao retornar, já não é o mesmo; e, por ter que sair, nas condições em que sai, modifica as relações sociais do seu grupo de origem, aterá a organização da família, a divisão do trabalho familiar, o lugar de cada um. O que encontra, quando retorna, já não é aquilo que deixou. Ele nem mesmo se reencontra porque já é outro, procurando ser o mesmo. (MARTINS, 1988, p. 45)

Ao contrário do ex-sitiante que retorna a Tabocas para ajudar na feitura da festa, o expectador está em busca de diversão e do usufruto de seu tempo livre através do lazer. Martins mostra que o sujeito pode se estabelecer em diferentes lócus quando migra, mas que não haverá mudanças significativas quando ele retornar ao lugar de origem para participar das práticas culturais de sua antiga localidade. Os festeiros que moraram em Tabocas, os festeiros

[16] Cf. GOMES, 2008.

que vivem em outras regiões rurais da cidade de Abaeté e os que migraram para as cidades se reúnem sem distinção para participar da festa através dos mutirões e do trabalho coletivo. A festa só se realiza por meio do trabalho coletivo e da partilha, onde cada um oferece aquilo que pode dentro de suas condições para realizar a trezena. Como diz Martins,

> A migração será definitiva quando a festa também migrar. Quando o reencontro desses dois momentos se der no mesmo espaço e a festa, camponesa, anual, do padroeiro, sair do seu ciclo cósmico e entrar no ciclo linear do descanso semanal remunerado, do cinema, do futebol. (MARTINS,1988, p. 61)

Como foi sinalizado anteriormente, a festa traz consigo uma carga emocional fortemente ligada à memória dos sujeitos que moraram nas regiões rurais de Abaeté ou até mesmo em Tabocas. Seo Pedro, que calcula ter mais de 90 anos, mora em Abaeté depois de não aguentar mais a lida na roça[17], por ter a saúde capenga e pouca força nos braços, rememora com nostalgia os tempos de festeiro em Tabocas.

> De 1933 até hoje eu faiei três veiz por motivo de doença. Uma vez eu me alembro, minha esposa deu a luz... (pausou sua fala por alguns minutos). Eu me alembro, em 1945 eu faiei e depois deu aqui (já na cidade), eu vinha pra ir na procissão. Morava na roça, era trinta quilômetro, depois deu aqui, eu vim dez veiz na procissão a pé... não pode faltar, né? Só mesmo se não tiver jeito!

Narrativas como a de seo Pedro apareceram em inúmeras entrevistas e relatos de devotos de Santo Antônio. As festas fazem parte da sociabilidade e da possibilidade de encontro de sitiantes de regiões rurais diferentes e de migrantes que moraram nessas regiões. A festa de Tabocas é a festa do encontro. Encontro de famílias, de amigos e conhecidos. Festa que integra "os de fora", que aparecem na região rural de Tabocas para dançar quadrilha, forró ou simplesmente aproveitar o tempo livre.

Na tentativa de classificar os vários tipos de festa existentes, Rita Amaral elucida o universo multifacetado e diverso que compõe os olhares sobre ela. Seus estudos sobre o tema já são clássicos e aparecem constantemente na bibliografia consultada sobre o tema. Suas pesquisas revelam que a desvalorização do campo das atividades sociais exercidas em tempo

[17] A expressão "lida na roça" é uma categoria êmica que está presente em boa parte das entrevistas. Refere-se ao duro trabalho no campo, sobretudo no trato do gado de leite em época de seca e o manejo dos animais do terreiro (sobretudo porcos, galinhas, angolas e outros).

livre, em contraposição à valorização dos aspectos relacionados ao modo de produção (trabalho formal e informal, organização política dos grupos, migração, relações raciais e de gênero, etc.) repercutiu, até pouco tempo atrás em escassa produção acadêmica sobre as festas populares no Brasil (AMARAL, 2012 p.67).

As festas populares, na visão de Amaral, são símbolo e expressão da cultura e o interesse em pesquisas sobre o tema tem crescido sobremaneira nos últimos anos, dada a sua importância para entendermos a dinâmica cultural das sociedades. Para a antropóloga, as festas podem ser *Sacro-profanas*, como o Círio no Nazaré em Belém (PA), o Festival de Parintins (AM), o *Tanabata* (Festa das Luzes) dos japoneses em São Paulo e as festas de São João, São Pedro e Santo Antônio. As festas também podem ser *Sagradas* como, por exemplo, a festa de *Corpus Christi*, as dos Reis Magos, Chanucá, Ramadã, algumas do Candomblé e dos santos padroeiros católicos. Também existem as festas profanas, como a Oktoberfest de Blumenau (SC), a Festa Nacional do Tiro – Fenatiro – de Joinville (SC). Enfim, existe uma infinidade de festas – cívicas, étnicas, de ritos sociais privados, etc.

A festa de Santo Antônio das Tabocas é considerada - nessa perspectiva - uma festa *Sacro-profana.* Santo Antônio, dentro da trezena franciscana, é fortemente conhecido por ser o santo dos namorados e dos casais. Em Tabocas, não é raro ver mulheres colocando o santo dentro de recipientes com pinga, deixando-o de "castigo" até que arrumem parceiros, muitas mulheres também enterram a imagem e só retiram-na da terra quando seus pedidos são atendidos. Também nota-se a presença de cartas e fotografias depositadas nos pés do santo no altar da capela, a maioria delas, contendo pedidos de pessoas que desejam um relacionamento amoroso[18]. A pinga Farrista, Mineira Serena e outras produzidas artesanalmente na região, são presença constante na festa ao lado dos santinhos que são constantemente distribuídos por devotos que recebem benesses do santo.

[18] Nas celebrações em que estive presente, era possível ver padres e freis aconselhando as pessoas sobre a importância da família nuclear, do matrimônio e da maternidade. Assim, a importância da *Casti Connubbi* é ainda atual como encíclica que orienta o discurso dos freis e padres diocesanos. Segundo a pesquisa feita por Pierucci (1978), a família – na ótica cristã- é uma instituição que antecede o Estado, de modo que os valores morais estatuídos são fundamentais para a vida dos fiéis que desejam seguir o exemplo cristão. O sexo, assim como a relação conjugal não se coloca como uma relação social e sim natural fundamentada principalmente por meio da encíclica *Casti Connubii* de 1930. "Instituição natural" e, por conseguinte, "instituição divina", seu cuidado foi confiado a Cristo à sua Igreja. Por isso a Igreja não pode abrir mão do seu dever de regular a vida matrimonial interpretando a lei natural. Todos os erros e depravações provêm do fato de se considerar o casamento uma instituição humana. Entre os erros apontados por Pio XI estão o adultério, o divórcio, o "casamento de ensaio", o "casamento da companhia". (PIERUCCI, 1978, p.44).

A celebração litúrgica se faz presente em todos os dias da trezena através das missas ao lado das pingas e das brincadeiras jocosas com o santo. Em "*A cultura na rua*", Brandão (1989) dá uma contribuição importante para pensar as particularidades da festa de Tabocas. Segundo ele, o sentido da festa no Brasil é separar o que deve ser esquecido – relegado ao silêncio do não festejado –, daquilo que deve ser resgatado da coisa ao símbolo, que deve ser posto em evidência de tempos em tempos, relembrado, comemorado, celebrado. Nas entrevistas, as narrativas compunham temas que sempre se voltavam para o saudosismo do tempo passado, para as práticas sociais modificadas pela intervenção da modernidade e da indústria no campo, da impossibilidade de cultivar a terra e, ao mesmo tempo, viver nela. Seo Francisco retrata a realidade de vários entrevistados que migraram para Abaeté, relata ainda que embora tenha nascido na cidade de Bom Despacho, foi criado em Tabocas e que não perde nenhuma festa porque ela traz a lembrança da vida que teve. Pelos mesmos motivos do Seo Pedro, não está mais vivendo na roça

> Tem uns vinte anos que larguei o meu sítio jogado aqui. Então lá em casa tem mais é morcego, eles tomaram conta. O meu é o de cima com o da divisa com o de Santo Antônio. Não quero ficar aqui não, não dou conta mais de trabalhar. Essa vida nossa é custosa, dura, né? Tirava leite, vendia leite e rapadura. Eu tenho um primo, uma irmã e um cunhado que mora aqui (em Tabocas). Conheço todo mundo aqui, eu tôvéio, a mulher também, tenho dois filhos e nenhum deles quer ficar aqui, já tem emprego na cidade, não quer morar em roça...

Seo José Frederico, famoso festeiro, conta que ia para trezena de carro de bois, tirava palhas de Indaiá para fazer o rancho, geralmente de dois cômodos, divididos entre cozinha e quarto para repouso, pois ficava por até duas semanas na festa. Relata também que trazia parte dos bois do sítio para a festa e antes mesmo de arrumar o rancho de repouso, ia procurar pasto disponível para o gado com outros sitiantes, que muitas vezes, caminhavam por dias numa jornada de vários quilômetros até chegar a Tabocas. Em seu relato, pensa que a festa possui somente taboqueiros que vem "de fora"[19], pois poucos moram em Tabocas e nos sítios das regiões rurais se comparados com os "da cidade". Na festa, os devotos que de Santo Antônio que ainda possuem terras na região, usam-na como fontes de lazer e repouso em feriados e em "dias de santo", relembrando os tempos "antigos" como mostra a fala se Seo José

[19] Em Tabocas, as entrevistados que classificavam pessoas como "de fora" queriam ressaltar a não familiaridade com as mesmas. Do contrário, "os de casa" são as pessoas que fazem parte do núcleo familiar dos entrevistados.

> Muita gente vivia na roça e vinha pra festa de Tabocas se divertir, morava em casinha de sapé, barreada, a gente fazia mutirão e barreava na mão. Os paiol era cheio de milho, fazia tuia de bambu pra guardar o feijão, o arroz, tudo tinha pra passar o ano. Fazia doce. A gente ia em Abaeté buscar macarrão, sal e querosene. Nóis tinha engenho é nóis fazia açúcar, pinga e rapadura. Eu engordava porco e muita gente trabalhava na roça trocando um dia de serviço por uma peça de toucinho. Era uma vida dura, mas cheia de festa.

Nos encontros realizados por meio da festa, além das conversas e dos jogos, sobretudo de truco, os sitiantes que moram nas regiões rurais de Abaeté podem trocar experiências, rever compadres, amigos e familiares. Na festa, os mais antigos festeiros concentram-se em fazer a fogueira de Santo Antônio, preparar o desfile com o carro de bois, os almoços coletivos, enquanto os mais jovens aparecem nos dias 12 e 13 de junho, pois estudam ou trabalham em cidades distantes de Tabocas.

2.2 - O calendário da trezena e suas prédicas

O calendário festivo está vinculado diretamente a presença de Salminho e seus familiares na região de Tabocas, pois seus pais e avós foram moradores da região rural de Tabocas e festeiros por diversas vezes. Assim, se tornaram conhecidos e são identificados em Abaeté como descendentes diretos dos primeiros festeiros e devotos de Santo Antônio na região. Suas irmãs e irmãos também participam ativamente da festa e são responsáveis pelos almoços coletivos. Pertencente a uma família numerosa, de nove irmãos que participam assiduamente da festa e revezam atividades, Salminho é o principal organizador da trezena. Os filhos de Salminho e os filhos de seus irmãos vão à festa, sobretudo nos dias 12 e 13 de junho e também ajudam na organização da trezena.

Através de Salminho, conheci Mércia, Miricélia, Dona Vitória, Seo Nico, Seo Pedro, as irmãs Iria e Irene e tive conhecimento de vários outros festeiros de longa data que moram nas regiões rurais e na cidade de Abaeté. Tive a oportunidade de registrar todos em Tabocas e em suas casas na cidade de Abaeté. Através de Salminho descobri uma característica fundamental da festa – a sua ligação com as famílias dos antigos e atuais sitiantes das regiões rurais de Abaeté. A festa de Tabocas é uma festa de encontro familiar. Em todos os anos, cerca de dez famílias – que geralmente possuem mais de oito membros -

são responsáveis por colocarem em prática o calendário litúrgico da festa sempre com a presença do padre e, ao mesmo tempo, garantirem acolhida, comida farta e auxílio para os devotos e fiéis de Santo Antônio.

Figura 9 - Caderno de prédicas que compõem a trezena franciscana

Pode-se considerar que a festa, no seu caráter litúrgico, começa oficialmente treze dias antes do dia mais importante da trezena, que caracteriza a festa do dia 13 de junho, dia de Santo Antônio. Os dias que compõem a trezena são singularizados por prédicas são lidas no momento da missa e do encontro dos devotos nas noites em que ocorre a trezena. As prédicas são lidas pelos devotos e festeiros e também são distribuídas impressas em papel.

As prédicas possuem importância singular na trezena por contarem, de maneira acessível aos que dela participam a história de vida de Santo Antônio. São marcadas muito fortemente por possuírem apelo moral, no sentido de guiarem as práticas e as condutas dos festeiros. Os devotos são chamados, sobretudo a seguir o exemplo de vida de Santo Antônio durante as missas. O apelo das mensagens transmitidas por esse meio se baseia na necessidade de desprezar a riqueza e o acúmulo de bens materiais. A conversão também é tema recorrente, pois o fiel cristão deve se converter e evangelizar os que estão no pecado, ou seja, fora da Igreja. O apelo ao casamento tem grande força e a família se torna o pilar básico para uma vida bem sucedida. Em vários momentos da missa e da leitura das prédicas, cujas mensagens estão em apêndice, foi ressaltada a necessidade de se participar ativamente das atividades litúrgicas cristãs dentro da igreja. Em Abaeté, a Igreja Católica se sobressai

por possuir o maior número de adeptos como mostra os dados do censo do IBGE do ano de 2010. O catolicismo prevalece sendo majoritário entre os homens e mulheres pesquisados durante o censo. Do total de 22.690 habitantes, 18627 são católicos.

Religião	**População Feminina (nº de pessoas)**	**População Masculina(nº de pessoas)**	**Total**
Católica Apostólica Romana	9.194	9.433	18627
Espírita	195	179	374
Religião Evangélica Não Determinada	353	240	593
Evangélicas de Missão	127	140	267
Evangélicas de Origem Pentecostal	1.157	633	1790
Outras religiosidades	187	137	324
Umbanda e Candomblé	11	11	22
Sem declaração de religião ou não sabe	236	457	693
Total	11460	11230	22690

Fonte: Censo IBGE do ano de 2010.

Fato interessante a se ressaltar é o discurso do padre Paulo, em praticamente todas as missas assistidas, revelava a importância da participação dos devotos no corpo de Cristo defendo a ideia de que não era suficiente assistir a missa pela tv ou ouvi-la pelo rádio. As palavras ditas durante a missa sempre indicavam a necessidade de ação dos fiéis e não era raro o uso de palavras como difundir, pregar, converter e ensinar, todas elas voltadas para a necessidade de evangelização e indicando a necessidade de ação por parte dos fiéis. A mensagem era dirigida principalmente aos festeiros. Em cada ano, um grupo de festeiros é nomeado responsável por organizar a festa, divulgá-la e conseguirem donativos e esmolas para a sustentação da Trezena. Os festeiros não são escolhidos de modo aleatório, são geralmente devotos de Santo Antônio que se dispõem a estar a frente da organização da festa. Entre eles, como já mencionado anteriormente, estão famílias das regiões rurais de Abaeté e os migrantes que moram em cidades e regiões rurais distantes de Tabocas.

Para a organização das funções dentro da produção da festa, se faz uma divisão de trabalho de modo que alguns exercem a função de tesoureiros, enquanto outros são responsáveis pela limpeza do lugar, pelo cozer dos alimentos, alguns pelo anúncio e coleta de esmolas, enfim, faz-se uma organização e divisão de tarefas dando aos festeiros organizadores a característica de sujeitos de ação e de execução da festa. Figura-se entre eles casais e famílias que dividem entre si as obrigações da função que se dispuseram voluntariamente a exercer através da divisão de trabalho por meio da noção de gênero.

Em todos os anos, são anunciados os festeiros do próximo ano. Esses têm para execução da organização da festa um largo período de tempo, cabendo às mulheres o preparo dos alimentos e a limpeza de Tabocas, e aos homens, a estrutura física da festa. Assim, no comércio da região, nas propriedades rurais e nas vilas que a cercam, assim como nas casas, os devotos e festeiros circulam pedindo bens que variam. A prerrogativa é: doa-se o que se pode, sem distinção de valor. Se o doador não tem dinheiro para oferecer, pode escolher alguma galinha do seu terreiro, ou algum porco que engorda dentre os que se dispõem no chiqueiro. Se ainda, não tiver nada, pode doar sua força de trabalho na festa, ajudando a construir a fogueira, a executar os leilões organizando os objetos doados, a limpar a igreja, a matar os porcos e galinhas que foram doados, assim como limpá-los (retirar as vísceras, penas e pelos) e cortá-los. Enfim, aos festeiros, cabe o anúncio da festa e a sua organização. Como aponta Brandão,

> Eis um sistema inicial de troca entre pessoas que configura a própria essência da festa popular no Brasil. Porque cheia de falas e gestos de devoção, ruptura e alegria, ela afinal não é mais do que uma seqüência cerimonialmente obrigatória, de atos codificados de dar, receber, retribuir, obedecer e cumprir." (BRANDÃO, 1989, p.11).

Desse modo, a festa formata elos e ligações entre as pessoas. Durante vários meses antes da celebração festiva, os cartazes que a divulga são colados nas vendas e nas casas do centro e da periferia de Abaeté, nos seus arredores, nas fazendas das regiões rurais e desse modo, todo um trabalho de anúncio é feito pelos organizadores da festa, para que todas as pessoas se sintam convidadas em participar da trezena. Nesse sentido, presencia-se um trabalho de cunho voluntário e sobremaneira cansativo. O cronograma da trezena é organizado nos dias seguintes da festa do ano anterior, porém, no dia 13 de junho no findar da trezena já se sabe quem são os festeiros e o que farão durante o próximo ano. Assim, as pessoas que se ausentam da cidade de Abaeté e de suas mediações saem dela com a clareza das funções e tarefas que desempenharão.

A estruturação do cronograma, que raramente muda em relação a seu conteúdo, é montado pelos festeiros de modo que alguns ficam responsáveis pelo trabalho gráfico para a confecção de folders, santinhos, folhas com o conteúdo da trezena para os fiéis, contendo hinos e os textos escritos pelos freis da OFM.

Figura 10 – Santinho de Santo Antônio

Outros ficam responsáveis pela estruturação da construção da fogueira, destinando quem vai participar, de onde sairá o transporte para Tabocas, se sairá de Abaeté, das regiões rurais ou de todas concomitantemente. Estrutura-se também um grupo que ficará organizado se responsabilizando pelo peditório de esmolas, outro que ficará responsável pela ornamentação da igreja e pelo recebimento dos festeiros e por fim, entre as mulheres se organiza um coletivo voluntário para o preparo dos alimentos, dos animais doados e da limpeza do lugar, entendendo como lugar toda a Praça de Tabocas, incluindo a Casa dos Festeiros, espaço que abriga pessoas que não tem onde ficar durante a festa, a igreja, a cozinha improvisada, com exceção dos comércios privados que não estão integrados à estruturação da festa. Entre os festeiros, estão aqueles que irão estar a frente da peregrinação e da procissão, pois muitos deles assumem esse posicionamento para o cumprimento de promessas.

A festa concentra em todas as noites, no fim das missas, leilões dos mais variados objetos, não deixando de incluir comidas e animais vivos. Os leilões acontecem porque festeiros e devotos de Santo Antônio, andam pelo comércio, pelas lojas de Abaeté e pelas fazendas, pedindo donativos em nome do taumaturgo para a execução da festa. Assim há doações para a confraternização onde a comida é dádiva para todos e, parte das prendas que foram doadas, são destinadas aos leilões, elas variam entre leitões, bolsas, pacotes de farinha, de arroz, de carne, cesta de alimentos, cestas decorativas para presente e sobretudo, bebidas alcoólicas como o vinho e variados aguardentes. Eles são feitos objetivando a captação de recursos para a festa, pois desde o cartaz que é fixado nas paredes de vendas e casas, até a energia no local, são pagos com o dinheiro arrecadado e doado pelos festeiros.

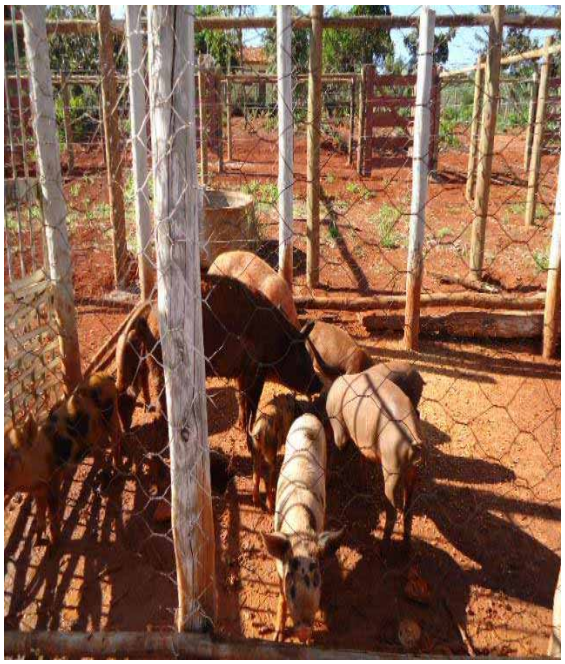

Figura 11 – Pocilga com os porcos para o leilão

O cardápio de alimentos vislumbrado dentro do comércio durante os leilões varia entre arroz branco e tropeiro, feijão tropeiro, carne de vaca, carne seca e de porco com mandioca, frango assado e batatas fritas.

Juntamente com esses alimentos, são oferecidas bebidas que variam desde aguardentes de cana até o "wisk cavalo branco" comercializado por oito reais a dose. No salão, os alimentos são comprados, ao contrário da Casa dos Festeiros onde os alimentos são doados e fruto de refeições coletivas.

Através da observação direta de todos os rituais contidos na trezena vislumbrei leilões, celebrações litúrgicas, desfiles, romaria, cavalgada, procissão, construção da fogueira, benzição e cumprimento de promessas com a presença de ex-votos. Efetivei contato com sujeitos de cidades distantes de Abaeté como Martinho Campos, Quartel Geral, Dores do Indaiá, Brasília, Uberlândia e Belo Horizonte e das regiões rurais de Abaeté como Lagoa de Santa Maria, São Simão, Potreiro, Curtume, Paredão, Tigre, Parizinho de Baixo e Parizinho de Cima.

Esta diversidade nos locais de residência daqueles que participam da festa é mais uma indicativo daquilo que já sinalizei anteriormente, que é o fato de que muitos abaeteenses migraram para outras cidades ou regiões. E que a Trezena de Santo Antônio das Tabocas se converte num momento de encontro, de reencontro com sua terra de origem, onde aqueles que se sentem vinculados com aquele lugar, aquela região, convergem num tempo tomado por especial, num lugar – Tabocas – que naquele tempo especial também passa a ter um caráter especial, diferenciado.

Figura 12 - Famílias de festeiros reunidas no Rancho Alegre

Mas porque Tabocas? Por que a festa se realiza em Tabocas? Para responder essa questão é fundamental discutir a dimensão e importância do espaço onde se realiza a trezena. Lefebvre (1980) aponta que o espaço de representação é diferente das representações do espaço. Ele afirma que o espaço de representação é povoado de objetos, projetos e trajetos que materializam as representações[20].

[20] Para Lefebvre as representações são fatos ou fenômenos de consciência, individual e social que acompanham uma palavra – ou uma série de palavras – e um objeto – ou uma constelação de objetos – em uma sociedade e em uma língua determinadas (LEFEBVRE, 1983, p.23).

Desse modo, não há como refletirmos como se dá a re-atualização festiva sem pensar na composição do espaço. A Casa dos Festeiros em Tabocas nada mais é do que um barracão que só faz sentido no momento da festa, assim como a Escola Rural José Alvares de Almeida[21] que já não serve como instituição formal de ensino. Hoje é chamada de Casa dos Festeiros, pois abriga as pessoas de outras cidades que não tem onde ficar durante a realização da festa. A prerrogativa para realização da trezena é que ela seja efetuada sempre em Tabocas, Salminho afirma que "é fiel ao seu lugar", assim como os outros festeiros que tive a oportunidade de entrevistar.

Um lugar onde a Capela de Tabocas resiste na região em meio ao avanço da monocultura de eucalipto. Com esse avanço Jatobás, Vinhático, Sucupira Preta e Branca, Pau Terra, Bate-Caixa, Murici, Pequi, Buriti e tantas outras árvores típicas do cerrado já não compõem a vegetação da região rural de Tabocas. Percebe-se somente a predominância de eucaliptais que esgotam a água do solo ao ponto de diminuir a densidade do lençol freático, fazendo microbacias desaparecerem, os rios secarem e a fertilidade do solo se esgotar. E em meio à monocultura de eucalipto resiste a Capela de Santo Antônio de Tabocas.

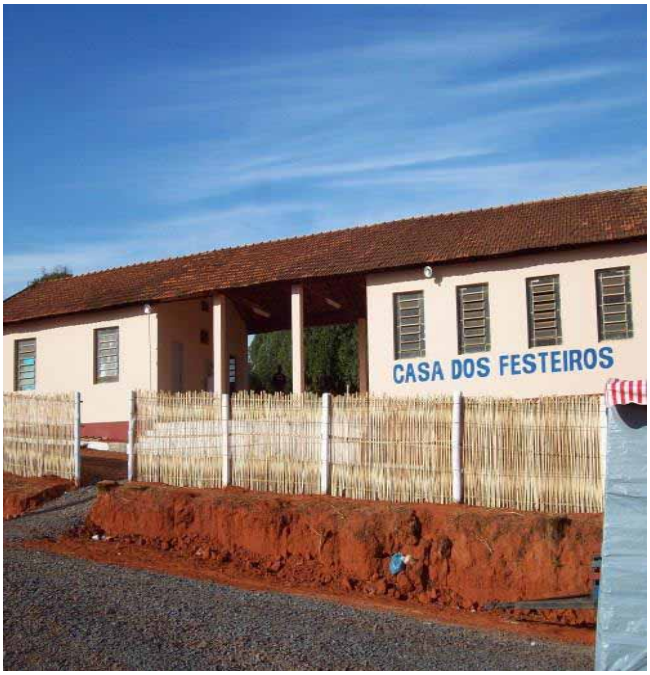

Figura 13 - Casa dos Festeiros

Assim, de um lado resta para vários festeiros de Tabocas somente relembrar com exacerbado saudosismo a época em que viviam na região. De outro lado fica a festa e a trezena franciscana, através da qual essas lembranças ganham novos sentidos e se estabelecem como memória, memória coletiva do grupo, memória daqueles que reconhecem aquele lugar, apesar das adversidades, como um lugar sagrado, porque deles, enquanto grupo. Um lugar impregnado de histórias, de momentos, de passagens de suas vidas e daqueles que com eles tornaram aquele lugar seu lugar de origem, suas raízes.

[21] A escola foi fundada em 1982 pela necessidade de alfabetizar as crianças dos sítios dos moradores de Tabocas. Como muitos migravam e arrendaram suas terras para plantação de eucalipto, a escola foi fechada em função da escassez de alunos.

Observando a partir da própria trezena, é como se Capela, escola rural e pequenos sítios fosem desprovidos de razão de existir fora do tempo da festa. É como se Tabocas marcasse a devoção franciscana a Santo Antônio na região, sobretudo no mês junho. E como se, fora dessa época, Tabocas fosse apenas o retrato monótono de várias regiões do oeste de Minas Gerais tomadas por eucaliptais que tive a oportunidade de conhecer ao realizar o trabalho de campo. Considerando minha própria experiência de campo, escapa desse cenário as regiões rurais do Potreiro, de São Simão e Curtume, que ainda possuem sitiantes vivendo em áreas de cerrado nativo, da criação de gado de leite e ainda usando carro de bois como força de tração.

CAPÍTULO 3 - A DEVOÇÃO: AS PROMESSAS, OS EX-VOTOS E A COMPOSIÇÃO DA SALA DOS MILAGRES

A antropóloga Renata Menezes dá importante contribuição para reflexão sobre o ato de se fazer promessas em momentos festivos, segundo ela

> [...] as promessas, forma privilegiada de relacionamento com os santos, inscreve-se num sistema de troca de dons, ou, em outros termos, numa "economia religiosa do toma lá dá cá". Em troca de proteção, de saúde, de abundância, de satisfação de um pedido particular, oferecesse ao ser divino a exaltação de sua glória através de gestos simbólicos. A festa é a forma mais recorrente de concretização dessa exaltação, momento privilegiado de se pagar promessas e de se pedir graças" (MENEZES, 1996, p. 90)

Para o cumprimento das promessas, muitos festeiros fazem ex-votos. Os ex-votos são a prova dos milagres e pedidos atendidos, onde o contemplado oferece ao santo um objeto que materializa sua eficácia. O ex-voto em Tabocas está ligado aos sentimentos de gratidão e representado através dos mais variados objetos, como fotografias, garrafadas, objetos cirúrgicos, rostos e partes do corpo humano de cera, dentre outros objetos. Todos os ex-votos que chegam em Tabocas são direcionados para a Sala dos Milagres que se situa dentro da Capela de Tabocas.

Figura 14 – Ex-votos

Em se tratando do trajeto penoso daqueles que vão deixar seus ex-votos na igreja de Tabocas, vê-se que as emulações e o sacrifício do próprio corpo através do esgotamento físico que tais práticas ensejam coadunam no próprio pagamento de dívidas com Santo Antônio. O sacrifício dentro desse contexto, *"representa uma amplificação do dom, em todas as dimensões. Amplifica, portanto, não só o interesse e a obrigação como também a espontaneidade e o altruísmo."* (CAILLÉ, 2002, p.208).

Olhos dispostos em bandejas, recados em cadernos e em folhas soltas escritas à mão, garrafas (garrafadas) contendo líquidos que pareciam remédios, cabeças esculpidas em gesso e parafina, pés e braços de madeira e parafina, roupas de crianças, bonecas, vasinhos de flores, "material cirúrgico" e muitas fotos que retrataram os que dali receberam alguma dádiva no sentido maussiano do termo, estabelecendo assim, uma relação de troca entre devoto e santidade que necessita ser mantida, celebrada e cultivada.

Figura 15 - Ex-votos

Desse modo, a dádiva ultrapassa os objetos depositados na Sala dos Milagres e passa a ser notada também, quando os festeiros e devotos trazem os animais que servirão de alimento durante a festa. Interessante também é pensar como se dá a tipologia e classificação estética dos ex-votos. Segundo Abreu, que vale em sua pesquisa de Giffoni, a classificação específica dos ex-votos se caracteriza em tipos variados, pois

> (...) os ex-votos antropomorfos são aqueles que representam o corpo humano por inteiro ou partes, em réplicas de gesso ou outro material. Os agrícolas, pluviais e zoomorfos são os ligados aos pedidos de proteção aos animais e às colheitas. Os médicos, tratam-se de oferendas relacionadas com a providência da cura. São representados por quadros, velas, fitas, retratos e outros objetos. Os representativos de valor referem-se as oferendas de jóias e outras prendas, como animais e comidas ao santo de devoção. Os específicos compreendem velas, fitas ou rendas, trajes, pedaços de cabelo oferecidos aos oragos. Já os ex-votos de significado imaterial compreendem as oferendas "simbólicas" como a execução de missas ou danças para o santo de devoção. (ABREU, 2001, p.29).

Dona Arminda dizia-me que havia feito a encomenda de um Santo Antônio em miniatura e a miniatura de seu filho de 14 anos, representando um ex-voto antropomórfico, que figurou a cura que ela obteve. Segundo seu depoimento, o seu filho curou-se de uma anomalia nas pernas, após a trezena feita por ela no altar de Santo Antônio em Tabocas.

Em outros momentos, ao observar o espaço da igreja, vi os mais variados objetos e coisas tidas como emblemáticas para a trajetória de quem as depositava na Sala de Milagres figurando uma simbologia vinculada à cura e as graças obtidas com o santo. Jéssica, moradora da cidade de Abaeté, disse-me que seu pai, o senhor Elson de 62 anos, que também seguia o trajeto pela rodovia a pé, em função de ter sido curado de uma doença depois de ter feito promessa**,** levava (em pedaços) o gesso que seu pai utilizava com acentuada dificuldade. Para ela, quando as pessoas recebem milagres, devem agradecer a Santo Antônio e a sala é um espaço onde se vê a realização concreta das bençãos feitas. Muitos casos de pessoas curadas da embriaguez foram relatados e por isso, garrafas de pinga também estão presentes na Sala dos Milagres.

3.1 - A comensalidade e as trocas dadivosas

Segundo Moreira (2010), a partilha de alimentos, também denominada comensalidade, é prática inerente à sociabilidade humana e vincula-se, muitas vezes, a ritos e cerimônias religiosas, onde a ritualização das refeições com atribuição de regras dietéticas foi documentada desde as primeiras civilizações como expressão de religiosidade. Moreira assim define a comensalidade

> Comensalidade deriva do latim “mensa” que significa conviver à mesa e isto envolve não somente o padrão alimentar ou o quê se come mas, principalmente, como se come. Assim, a comensalidade deixou de ser considerada como uma consequência de fenômenos biológicos ou ecológicos para tornar-se um dos fatores estruturantes da organização social. A alimentação revela a estrutura da vida cotidiana, do seu núcleo mais íntimo e mais compartilhado. A sociabilidade manifesta-se sempre na comida compartida. (MOREIRA, 2010, p.23)

Na festa de Santo Antônio das Tabocas o alimento está presente nas missas e trezenas, principalmente o pão, consumido simbolicamente em dia específico da trezena e partilhado entre todos os presentes na capela, denotando a integração dos devotos e festeiros e, no discurso franciscano, está ligado à fraternidade. Durante a trezena e no findar das missas e prédicas, é comum ver fiéis que agradecem a Santo Antônio pelos alimentos fartos durante a trezena e é comum ver devotos de Santo Antônio depositando alimentos no altar. A cana, que

é moída para se fazer o trato do gado de leite é disposta no chão do altar, o milho que é alimento para as galinhas que ciscam nos terreiros dos sítios de Tabocas também são depositados em sacos, abóboras, galhos de laranja, bucha vegetal, feijão e a chamada banana da terra, muito comum e consumida na região.

Figura 16 - O Altar da Capela de Santo Antônio

A relação entre mundo do trabalho e a religião estão intimamente ligados por uma ordem cósmica, ligada ainda aos ciclos na natureza, sobretudo – tempo das águas e tempo da seca. O mês de junho é sobremaneira quente, seco e frio na região e muitos sitiantes pedem que a chuva seja generosa para as plantações de milho e para o pasto. Muitos sitiantes reclamam que a monocultura dos eucaliptais tem mudado a dinâmica das regiões rurais de Abaeté, pois essas plantas exaurem o solo e consomem exageradamente as águas das chuvas. Assim, muito comum nas falas dos entrevistados, festeiros e sitiantes é a fartura – como relata a Seo Antônio, que recebeu este nome em homenagem a Santo Antônio

> Íamos mais ou menos 15 pessoas num carro de boi toldado e a cavalo. Papai sempre matava um leitão, nós levávamos uma lata de carne cozida, arroz, macarrão, biscoitos, doces, colchões. Distribuíamos almoço, café e biscoito pra todo mundo. Dormíamos em barracas, dentro ou embaixo do carro de boi, no prédio do grupo escolar, na casa do Zé Fidirico

As palavras de Seu Antônio apontam para um aspecto importante das festas rurais: Festa na roça é festa da fartura! Segundo Braga, pensando no contexto rural sertanejo nordestino

> A fartura projeta-se em direção ao sentimento de abundância (de tal forma que sempre cabe mais um) e sustenta-se num sentimento de solidariedade que se dá – ainda que não exclusivamente, mas principalmente - entre

> aqueles que têm pouco (o que envolve uma noção e sentimento de fraternidade entre aqueles que são pobres). (...) Afinal, se há a expectativa de que aquele que é ajudado hoje ajude amanhã, igualmente pode ocorrer que quem ajuda hoje pode ser aquele que será ajudado amanhã. O tipo de situação acima descrita é, portanto, uma dinâmica típica daquelas situações onde encontramos os movimentos de *dons* e *contra-dons*. Movimentos esses onde tanto se opera o princípio da reciprocidade (onde ao ato de dar deve corresponder os atos de receber e de retribuir), quanto se faz presente a ideologia da generosidade e do altruísmo, quanto se apresenta a obrigatoriedade da retribuição. Obrigatoriedade esta que decorre do fato de que não existe *dádiva* sem a expectativa da retribuição, dado que a dádiva é um ato simultaneamente espontâneo e obrigatório. (BRAGA, 2013, p. 321)

Nos almoços coletivos, percebe-se grande saudosismo em Tabocas. As refeições partilhadas revelam, através da fala dos festeiros e devotos, o modo de organização dos sítios das regiões rurais que ainda preservam o modo tradicional de se viver na roça. O porco golpeado certeiramente no coração no dia anterior, no quintal da Casa dos Festeiros, é destrinchado e o momento do abate consagra o encontro de pessoas que na infância ou já na fase adulta participaram da vida na roça. Em Tabocas, existem aquelas que preferem lavar as tripas com limão para fazer a famosa linguiça caipira de Tabocas, outras cortam o lombo do porco em pedaços para rechear a tripa que outrora foi limpa. Enquanto a linguiça é preparada algumas festeiras fritam as peles, preparam a galinhada que será servida no almoço coletivo. Na cozinha de bambu improvisada ao lado da Casa dos Festeiros, também existem grandes latas abarrotadas de carne de porco que são preservadas na banha.

Já os frangos que compõem a galinhada são rapidamente abatidos – geralmente por algum festeiro - e duas a três mulheres depenam, abrem, limpam e cozinham a ave com arroz. Porco e galinha são considerados animais do terreiro e de consumo imediato. Do porco também são aproveitados os miúdos (vísceras) e parte da banha é reservada para a feitura de sabão após o momento da festa. Já os chamados animais de trabalho pelos sitiantes, como os bois de carro, são estimados e não são abatidos, mesmo quando velhos e inaptos para o trabalho nas roças. Os animais possuem nomes próprios e são tratados com grande estima pelos sitiantes. Nos almoços coletivos realizados em Tabocas, os festeiros se gabam por ter abundância da comida caipira.

A dinâmica da dádiva – aqui pensada em sintonia com a perspectiva proposta por Marcel Mauss (2003) - é, portanto, algo que se faz presente no contexto da festa de Tabocas, no seu espaço festivo. E em se pensando este espaço como um espaço dadivoso, é interessante se pensar na perspectiva de Rey-Mermet, que afirma em relações as trocas alimentares que,

> a comida é um aspecto primeiro do símbolo sacramental e as trocas contidas no ato da refeição dizem de uma relação permanente e de dependência com o cosmos, pois é no domínio da comida e da bebida que aflora com mais densidade a consciência dessa relação vital com o mundo, a ponto de marcarem-se as etapas da humanidade a partir de seus progressos nas técnicas de subsistência. (REY-MERMET 1979, p.112).

Retomando a questão da presença franciscana da festa e a subsequente prédica franciscana que se faz presente, é relevante considerar que é na subsistência que o enfoque é dado por esses frades, num discurso que é permeado pela noção de pobreza material. Nesta perspectiva, o discurso é guiado pela prédica de que o alimento é fonte de sobrevivência na terra, que deve ser tido sem glutonaria ou excesso. Porém, para o festeiro, o alimento no contexto da festa é mais do que isso. Durante a festa é de grande valia para o festeiro ver um animal ser carneado para a alimentação coletiva, pois ele é resultante de uma graça recebida. Para ele é a forma material de pagamento da troca feita com a santidade e, no caso de Tabocas, com Santo Antônio. Já a ênfase dada pelo discurso franciscano é o de que o alimento é meio de manutenção de vida e não de prazer. O trabalho nesse sentido se coloca como provedor do alimento, símbolo do esforço do sujeito digno e, dessa forma, sagrado.

Ou seja, no que tange a questão do alimento a festa condensa e se desdobra a partir de duas perspectivas que não se excluem – mas, ao contrário, se completam - ainda que sejam a uma primeira vista antagônicas: a perspectiva dos festeiros e devotos, que é a da fartura (e que é permeada de um profundo sentido de sagrado) e a dos frades franciscanos, centrada na predica da distância dos excessos, na valorização da pobreza material (prédica por meio da qual se busca rememorar o sentido religioso original do franciscanismo, centrado no amor à "Mãe Pobreza").

O que tornou possível que essas duas perspectivas se completem, se encontrem uma na outra, é precisamente a noção de partilha. Compreende-se melhor a Trezena quando há a compreensão do profundo valor que festeiros, devotos e frades franciscanos dão ao valor da "partilha". Tanto que, quando se pensa em alimentos na festa, se pensa também na partilha dos pães, que comporta um dia específico da trezena. Em Tabocas sempre houve esse momento para lembrar o taumaturgo, pois sua ideia básica se baseia na divisão e não no acúmulo. Nesta perspectiva considera-se que a fartura existe porque se partilha. E a partilha, por sua vez, é uma pratica dos pobres, daqueles que tem pouco, que

compartilham entre si o pouco que tem convertendo esse pouco em abundância. E, dessa forma, temos ai a condensação, a síntese dessas duas perspectivas a um primeiro momento aparentemente antagônicas: fartura e pobreza.

Como metáfora, o ritual da divisão dos pães pode significar a divisão de afeto, das coisas materiais desnecessárias para a subsistência e desemboca, portanto, na caridade. Na civilização ocidental, pelo menos, o pão e o vinho são alimentos de base e símbolos de todos os outros, afirma Rey-Mermet, e o pão é emblematicamente, o fruto de uma relação do homem com a natureza que é mediada pelo trabalho – entendido como esforço inteligente que aquele que realiza para transformar a natureza bruta e dela fazer nascer o fruto.

Figura 17 – Distribuição dos pães

Dentro dessa interpretação cristã, o pão é a simbologia do alimento e do trabalho corroborando através dessa ideia para a permanência da moral franciscana na região. Dona Vitória, com quem tive a oportunidade de conversar, dizia "aqui a gente trabalha de noite e de dia pra Santo Antônio, é um farturão e uma alegria tão grande que o coração da gente enche de alegria." Por isso é tão importante para os franciscanos ter momentos dentro da Trezena em que se faz a distribuição simbólica de pães e de comida, o que figura dentro do discurso cristão, a simbologia da multiplicação dos pães feita por Jesus segundo a parábola bíblica.

No Jornal de Abaeté[22], ocorre o seguinte depoimento de Coronel Norberto, 91 anos: *"Eu tinha quatro anos e admirava a multidão de romeiros, a devoção dos festeiros, os toques de sanfonas, as comilanças intermináveis..."*. Hoje, a comilança tal qual mencionada por Norberto, se reveste através da distribuição da comida, como uma prática dadivosa e como troca de bençãos com a santidade se coloca durante todos os dias, porém, é vislumbrada com maior frequência nos dias de cavalgada e de construção da fogueira. A

[22] Fonte: Nosso Jornal, junho de 2010, p.7.

preparação da comida e todo o processo que envolve a arrecadação de alimentos para a festa figura a manutenção de elos e graças com o taumaturgo, segundo Godbout, "*a dádiva instaura uma dívida, um estado de dependência, ou então marca uma exclusão do vínculo social.*" (GODBOUT, 1999, p.212). Nesse sentido, festeiro, fiel, peregrino e franciscanos de um modo geral ficam atados por um elo que ao mesmo tempo que se faz espontâneo, se faz também obrigatório para a manutenção das práticas vislumbradas por meio da trezena. Entre eles, independente de serem simples festeiros ou habitantes de cidades urbanizadas, de serem simples moradores do campo ou representantes das multinacionais que ali operam, vê-se que,

> (...) a dádiva introduz igualdade e paridade no âmbito de um universo que é, antes de tudo, concebido fundamentalmente desigualitário e heterogêneo, universo de potências e de princípios pessoais antagonistas sempre desiguais do ponto de vista da energia vital que eles contém. (GODBOUT, 1999, p.168).

Assim, mesmo havendo no Rancho Alegre, local onde é realizada a festa, o comércio de alimentos e bebidas, a festa se caracteriza pelos almoços coletivos servidos pelos festeiros de Santo Antônio através do trabalho coletivo feito através da organização da festa.

3.2 - O mutirão ou o trabalho como festa

Carreiros da festa do carro de bois[23] do Potreiro[24] vão a Tabocas, assim como na festa dos Carreiros do povoado de Cacimbas[25]. O desfile com o carro de bois dura vários dias para alguns festeiros e muitas vezes, o ato de desfilar com os bois resulta do pagamento de

[23] O carro de bois é um instrumento de trabalho usado através de tração animal (bois amansados), funciona como veículo de transporte e de tração que se baseia em um estrado plano de madeira, apoiado em um eixo sobre dois pontos e cocões que são uma espécie de mancais que auxiliam no movimento das rodas. Os cocões anunciam a chegada dos bois através do som característico que emitem ao movimentar-se. Para os festeiros, os cocões são importantes para fazer o carro "cantar".

[24] Potreiro é a região rural de Abaeté que ainda possui parte cerrado preservada e que caracteriza-se pela presença de famílias que vivem por meio da agricultura familiar. Assim ocorre com o povoado de Cacimbas.

[25] "A Festa do Carreiro de Cacimbas que procura resgatar as tradições culturais e um pouco da história do município (...) com um emocionante desfile de carros de boi [que] viajam vários dias até chegarem à Fazenda Congonhas, onde passam a noite. No dia seguinte os carreiros seguem pelas estradas da região até chegarem ao povoado de Cacimbas, para o ápice do desfile em frente à E. M. Duque de Caxias, onde acontece a cerimônia de abertura oficial da festa e apresentação dos carros de boi. Depois do desfile há apresentações culturais e show na quadra da Escola". (MORADA NOVA DE MINAS apud NORONHA, 2013, p. 6).

promessas, visando pedir a São Francisco e a Santo Antônio a benção aos animais, ainda utilizados como força de tração em sítios e fazendas.

Essa relação com o boi remete-se, por sua vez, com a própria relação com o trabalho. Trabalho aqui inserido no contexto rural, que é o contexto original dentro do qual a festa ganha seu sentido fundamental. O boi, o carro de boi, é parte e um importante símbolo daquilo que viabiliza a vida no contexto rural de Tabocas: o trabalho, numa relação muito próxima com a natureza, com os animais domésticos e com a terra. O carreiro, o carro de boi e o boi estão ali mostrando e celebrando essa parte fundamental da vida, do mundo rural de Tabocas: o trabalho.

É muito difícil compreender o mundo rural sem compreender as formas específicas que o trabalho assume nesse contexto e como aqueles que vivem nos sítios das regiões rurais de Abaeté se relacionam com o trabalho. O trabalho é uma parte importante daquele contexto e, subsequentemente, é algo que se faz presente na festa de Santo Antônio de Tabocas.

O significado, a importância e o lugar que o trabalho ocupa na festa podem ser compreendidos através da construção da enorme fogueira dedicada ao santo. Mais uma vez o sentido de partilha, partilha do trabalho, vista a por meio do mutirão, é realizada. Assim como ocorre a partilha os alimentos, também ocorre a partilha da força de trabalho. E juntos, muitos homens juntam suas forças para construir a grande fogueira para Santo Antônio. A partilha é vislumbrada na pesquisa clássica de Antônio Cândido (2001), na cidade de Bofete, como resultado do trabalho partilhado e representa o mutirão, que consiste essencialmente na reunião de vizinhos, convocados por um deles, a fim de ajuda-lo a efetuar determinado trabalho: derrubada, roçada, plantio, limpa, colheita, malhação, construção de casa, fiação, etc. Geralmente os vizinhos são convocados e o beneficiário lhes oferece alimento e uma festa, que encerra o trabalho.

Ressiginificação do mutirão outrora apresentado por Antônio Cândido, uma vez que a maioria dos homens que constroem a fogueira já migraram para a cidade. Na pesquisa do bairro rural, Cândido (2001) destaca a importância da religiosidade como fator de sociabilidade através dos festejos de São Roque, no bairro São Roque Novo.

A fogueira é fruto de mutirão em Tabocas, era construída para iluminar a região, e em dia de festa, cada casa “tinha uma fogueirinha” na frente do seu sítio, denotando grande afeição a Santo Antônio. Essa foi a afirmação relatada através da entrevista com dona

Vitória, que afirma ser descendente dos portugueses que levaram a imagem de Santo Antônio para Tabocas,

> Na festa, num tinha força (energia). Com os carros de boi, os festeiros iam entrando no cerrado e montando as cercas de arame ao redor da igreja. Em cima dos paus de lei, se fazia cumbuca de laranja gamboa, tirava o miolo, colocava algodão ou querosene para iluminar Tabocas, depois, fazia a fogueira da festa com a lenha que era cortada no machado...

Era o local de comércio da época, que segundo Dona Vitória, era cercado por mato 'virgem'. Os sitiantes e fazendeiros, assim como os seus agregados e empregados, ali praticavam todo tipo de troca. Trocavam querosene e sal por produtos que eram plantados como, por exemplo, o milho, a mandioca e a banana, animais que variavam desde pequenas "reis" até bois de raça. Os homens ensinavam aos seus filhos desde pequeninos o ofício de construção da fogueira, iam à igreja mesmo quando não havia padre no lugar, fazendo o grande fogaréu em festa junina dando enfoque ao tamanho da fogueira. Quanto maior a fogueira, maior a emoção, relata dona Vitória.

Hoje, na festa, se constrói uma grande fogueira. Pareceu-me que o tamanho da fogueira é muito revelador do vigor físico de seus construtores e a relevância da fé cristã na região. Fé, vigor físico e trabalho se fazem presente e convergem na construção da fogueira. Fogueira que nas festas atuais tem grandes proporções podendo chegar a aproximadamente vinte e cinco, trinta metros de altura. Fogueira cuja construção envolve o trabalho conjunto e o vigor físico de muitos homens.

Figura 18 - Eucaliptos para construção da fogueira

Mas a construção da fogueira não é apenas o uso do vigor físico, o momento em que os homens, em mutirão, podem contribuir para a festa e homenagear Santo Antônio. A construção da fogueira também é um momento de rememorar, de se conectar com Tabocas, suas histórias e suas lembranças e sua memória coletiva, com a memória do grupo e do lugar.

Figura 19 - Construção da Fogueira

No decorrer da semana, trabalho duro nas roças e na enxada e ao final dele, missa e "pagode". E, em junho, festa de Santo Antônio, momento de pagamento de dívidas e diversão. Assim, era a vida no lugar, relatava dona Vitória, saudosa dos "tempos que não voltam mais". Dizia-me também que seu marido, quando vivo, levava para o cerrado outros festeiros, pois ele conhecia melhor as árvores e assim, cortava as que achava necessárias e mais resistentes para sua construção. Aos velhos, o trabalho menos penoso era dado. Aos jovens, o trabalho mais "grosso", ou seja, o trabalho que despende maior esforço e resistência física. Segundo ela, algumas toras eram demasiado pesadas e os velhos que teimavam em ficar no topo da fogueira, no outro dia, estavam 'corcundas', sem dar conta de andar. Conforme a altura aumenta, aumenta também a necessidade de controlar o peso do corpo e de utilizar a capacidade de equilíbrio entre as toras. Assim, o construtor da parte superior fogueira deve ter força, para passar para o companheiro que está na parte ainda mais elevada, a tora que será articulada as demais formatando a fogueira de Santo Antônio que terá mais de vinte metros no findar de um dia de trabalho.

Hoje, porém, os construtores da fogueira recebem equipamentos de segurança como cintos e capacetes para evitar qualquer tipo de acidente ou queda da fogueira. Essas foram as exigências da prefeitura para que a festa continuasse e um festeiro sempre fica responsável por fazer a segurança na festa, tanto no momento da construção da fogueira, quanto no momento de sua queima no dia 13 de junho, para que nenhum festeiro se queime ou machuque durante a festa.

Enquanto os homens trabalham em mutirão para construir a fogueira, Mercia, irmã de Salminho, servia peles de porco fritas dos porcos que tinham sido abatidos para o almoço coletivo, também oferecia aos construtores da fogueira farofa de couve e frango. Também havia nas mesas, em frente à fogueira, pinga, água e refrigerante. Era um aperitivo pra enganar a fome dos devotos presentes em Tabocas enquanto o almoço não ficava pronto. Ao conversar com seu irmão sobre a festa, ela pediu pra que eu esperasse pra me mostrar uma lembrança da fogueira da festa. Mércia rememorava com saudade o tempo em que a fogueira queimava a noite inteira – porque feita de lenha do cerrado – e falava que a madeira do eucalipto queima rapidamente e como é muito fugaz, deixa de aquecer Tabocas as noites frias de 13 de junho duas horas após acendida.

Figura 20 – Festeiros do ano de 1982 mostram a fogueira daquele ano

Desse modo, Tabocas se vê na construção da fogueira. Porém, algumas práticas foram ressignificadas ao longo do tempo. Segundo o depoimento de dona Vitória, não há diferenças marcantes de como era construída antes e de como está sendo construída agora, exceto no tocante a matéria prima, o eucalipto, ao uso de equipamentos de segurança e utilização de aparatos de tecnologia agrícola.

Segundo Brandão, há momentos nos rituais destinados a ensinar e aprender, em seu livro *Casa de Escola*, quando questionava aos festeiros e devotos onde aprendiam os ofícios do ritual, eles respondiam que 'desde meninos'. Em Tabocas, ao perguntar aos

festeiros como aprenderam a construir uma fogueira tão alta, me respondiam que era com os pais ou com os mestres que também, aprendiam com os mais velhos. Assim, o mesmo fato relatado por Brandão pôde ser vivenciado na experiência tida no trabalho de campo:

> Quando a pergunta insistia, a memória popular desvelava situações onde houve momentos destinados a ensinar-e-aprender, dentro e fora do exercício ritual. A memória do artista devoto recordava, então, que, por simples que pareça o seu grupo de trabalho religioso, ele é uma equipe corporada de um ofício de especialistas." (BRANDÃO, 1983, p.16).

Em Tabocas, há pelo menos três mestres educadores no ofício de construção da fogueira pelo que pude observar. Ensinam, repreendem e, às vezes, comandam. Para aprender a trabalhar na fogueira há somente uma prerrogativa: que se seja devoto de Santo Antônio. Os festeiros planejam onde e como montar a fogueira, nivelam o chão onde será construída e medem cuidadosamente onde serão fixadas as cordas de apoio, onde serão cavados os buracos de sustentação e em seguida, dão prosseguimento ao trabalho de construção propriamente dito que é uma atividade que exige um conhecimento mínino de planejamento e construção. As atividades são divididas de modo que cada um tem uma tarefa específica. Há funções destinadas aos velhos e aos mais jovens. Os que possuem maior força física e vigor são coordenados por aqueles que possuem mais tempo de festa, que são denominados mestres da fogueira, enquanto que as crianças curiosamente vislumbram cada passo do construir fazendo perguntas e ansiosas em ajudar de algum modo. Elas levam alimentos, carregam os instrumentos leves como capacetes e cintos utilizados, pulando e se divertindo, levando alguns beliscões ora ou outra dos que ocasionalmente perdem a paciência com os gracejos.

A construção da fogueira é tarefa eminentemente masculina. Enquanto as mulheres encontram-se na cozinha, preparando os alimentos que serão consumidos na festa, os homens se preparam para construí-la. No dia anterior, dia 12 de junho, os festeiros retiram a madeira da plantação de eucalipto que fora cortada anteriormente de trator. Para se evitar conflitos, a autorização da retirada de madeira por parte das empresas de empreito é dada e assim, a fogueira pode ser construída, pois, as árvores nativas de cerrado que sobraram, em função do acentuado desmatamento da região, não podem ser derrubadas, pois são protegidas por leis ambientais que estipulam uma reserva mínima de área nativa em propriedades privadas nas regiões rurais. Algumas décadas atrás, esse trabalho era feito

com a ajuda dos carros de bois e o machado era o instrumento de corte utilizado para cortar a madeira que era nativa do cerrado, como foi dito anteriormente.

Agora, porém, o trator com sua lâmina derruba o número necessário de árvores de eucaliptos que em pouco tempo já estão cortadas, secas e sendo transportadas para próximo da Igreja de Santo Antônio das Tabocas onde acontece a festa. As toras são dadas em função das reivindicações dos festeiros e, muitas vezes, acontecem conflitos, mas como o número de toras é ínfimo em comparação ao alarde que uma discussão maior pode fomentar, esse momento da festa se dá de modo artificialmente harmônico. Com o acordo feito e a madeira dada, no centro da 'praça' de Tabocas são amontoadas toras para que a fogueira seja construída no próximo dia. No início da manhã, às 05:30, as toras de eucalipto começam a ser alinhadas em paralelo ao local onde será fixada a fogueira. Nesse momento, lembrei-me novamente do trabalho de Antônio Cândido[26] e de sua análise sobre o mutirão, que não o é como antes, mas carrega algumas características que lhe dá aporte para assim ser denominado, pois, como mostra Brandão,

> A própria festa é um grande mutirão. Inúmeras pessoas de um povoado rural, ou mesmo de vários deles, participam dos seus preparativos. Tanto a casa do festeiro quanto as casas do "giro" e dos "pousos" são decoradas para a passagem da folia ou da realização da festa. (BRANDÃO, 1983, p.33).

Cerca de quarenta homens se juntaram solidariamente para construí-la, uns cumprindo seus votos com o santo, outros fortalecendo seus vínculos familiares e alguns, pelo prazer de se divertir e de vê-la queimar pela noite. Como a divisão de trabalho é clara, os festeiros homens mais velhos estão no topo da hierarquia porque são devotos e conhecem o trabalho de construção da fogueira, possuindo o *saber/poder* do ritual de construção.[27] Ao observar a minúcia da construção vi que cerca de seis pessoas são responsáveis pelo fazer dos buracos no chão que dará o suporte para as toras de eucalipto inteiras que lá serão fixadas para dar sustentação a fogueira e fazer com que ela não caia durante sua queima ou sua preparação.

[26] O mutirão em Antônio Cândido sustenta-se basicamente por meio da ideia de cooperação entre os vizinhos no bairro rural. Segundo sua análise, "soluciona o problema de mão-de-obra nos grupos de vizinhança (por vezes entre fazendeiros) suprimindo as limitações da atividade individual familiar. E o aspecto festivo, de que se reveste, constitui um dos pontos importantes da vida cultural do caipira." (CÂNDIDO, 2001, p.88).

[27] Emprego aqui o termo *saber/poder* inspirando-me em Brandão através de sua análise apresentada no livro citado.

Uma árvore de eucalipto pode dar até cincos toras dependendo de sua altura e de sua largura e as maiores, são escolhidas para serem fixadas no solo. Os buracos não podem ser muitos largos e devem ter pelo menos, dois metros de “fundura”, eles são construídos graças a um instrumento que os construtores chamam de “boca de égua”, ou escavadeira. Nessa fase de preparação houve um momento simbólico, um dos festeiros mais velhos, o senhor José, que ultrapassa os oitenta anos e continua a acompanhar a festa, pediu para que pudesse cumprir sua promessa, como faz por todos os anos: retirou o seu chapéu, pediu ajuda para ir até o local onde estavam sendo feitos os buracos e ordenou que lhe dessem a “boca de égua”, deu ao festeiro que lhe deu o instrumento, sua bengala e começou, com significativa dificuldade, a cavar o buraco. Nesse momento, alguns choraram e outros simplesmente pararam para olhar, mas não teve quem não notasse o seu esforço. Ele de fato, é um personagem que possui aquilo que Brandão denominou *saber/ poder* se fazendo um agente mestre do ritual.

Nesse sentido, outra reflexão de Brandão cabe aqui ser mencionada uma vez que ela retrata com acuidade o que foi visto em Tabocas, pois

> Em mãos de agentes populares da religião – rezadores, capelães, mestres rituais-cerimônias como as folias e as folgas: a) Tenderam a reorganizar-se através de pequenas confrarias estáveis de praticantes; acrescentaram e depois tornaram fundamentais ritos de peditórios de esmolas, pagamento de promessas e trocas solidárias de bens, serviços e símbolos. Migrando de um sistema religioso hierárquico e erudito, para um sistema comunitário e popular de devoção. (BRANDÃO, 1983, p.22).

Um sistema popular de devoção que se faz pela construção da fogueira e também, por toda divisão de trabalho que ela enseja visando concretizar uma festa franciscana com detalhes arranjados propositalmente pelos festeiros. Dando continuidade à descrição do modo como a fogueira é feita, percebe-se que simultaneamente ao processo de produção dos buracos, a presença de um velho senhor se faz necessária, ele vai até um pequeno pedaço de cerrado nativo para colher o cipó que será usado para fazer sua 'amarração' e, para tanto, ele utiliza um carrinho de mão que lhe auxiliará no transporte do cipó colhido até Tabocas.

O cipó, por ele denominado “rolo de cipó”, servirá para fazer o chamado cruzeto da fogueira. Ou seja, o cipó serve para fazer as amarrações entre as toras quando elas se cruzam. A ele, foi reservada parte do trabalho que concentra o menor esforço físico dada

sua acentuada idade. Há também espessas cordas que são utilizadas para erguer as toras de suporte da fogueira, elas são fixadas em estacas nos quatro cantos onde será construída. Os construtores da fogueira se dividem em número igual no momento em que se erguem as toras de apoio. De um lado, parte dos construtores seguram erguendo a tora que será fixada ao centro e do outro lado, outros construtores se esforçam para equilibrar o peso e manter a tora de pé.

Assim, é feito com as quatro toras de sustentação. Concomitante a esse processo, outros festeiros, carregam a madeira alinhando-a e recortando-a com o apoio da motosserra, de maneira a fixar todas as toras já cortadas no mesmo sentido, com o mesmo tamanho, paralelamente ao chão uma ao lado da outra, formando assim, grandes fileiras de eucalipto do mesmo tamanho. Passada essa fase, as toras já estão fixadas em pé nos buracos feitos e as que foram dispostas e cortadas que se encontram no chão, ao serem manuseadas, carregas e entrecruzadas as quatro que já estão de pé, começam a dar formato a esperada fogueira de Santo Antônio.

Entre pausas para degustar dos alimentos e bebidas, foguetes quebravam o silêncio e espoucam junto com os gritos de: “Salve Santo Antônio!” “O anarriê tá chegando!”, a fogueira vai ganhando a espessura que levemente vai conquistando os ares e conseguindo altura. Os homens seguem escalando-a passando as toras da parte de baixo da fogueira para os que estão em sua parte superior, incansavelmente. Conforme a sua altura aumenta, o risco de queda também se acentua e o uso de capacetes de segurança é uso obrigatório juntamente com cintos que são amarradas as toras que dão sustentação a fogueira, se fazem necessários. Essa foi a prerrogativa recente dos fiscais de segurança de Abaeté que agora, também participam da festa por acharem que sua presença se faz obrigatória em se tratando de um trabalho de risco dado o acentuado tamanho da fogueira.

Na tarde do dia, a fogueira já estava na metade da altura desejada. Acontece então, o desfile que todos querem ver: o desfile dos carros de bois. Retomando esta questão dos carros de boi, em Abaeté e nas regiões circunvizinhas, o carro de boi ainda é um aparato fundamental para a subsistência de alguns moradores das regiões rurais de Abaeté. Ele, resumidamente é um veículo de transporte e de tração que se baseia em um estrado plano de madeira, apoiado sobre um eixo em dois pontos, ele também compõe os cocões que são uma espécie de mancais rudimentares que lhe dão suporte. Eixo e roda se fixam de modo que, quando as rodas movem, o eixo gira também. E é dos seus movimentos sobre cocões

que resulta um barulho característico que denuncia o carro de bois a vários metros de distância anunciando o seu desfile em Tabocas.

Figura 21 - Desfile com os carros de boi

Figura 22 – Desfile com os carros de boi

Segundo os carreiros, de “madeira de lei” se faz o carro de boi, porém, na região elas quase não existem, sendo necessário procurar às vezes, um dia inteiro para poder se encontrar um angá, madeira de bálsamo ou jacarandá. Da madeira de lei faz-se o carro cantador e ela lhe garante durabilidade também. E o momento do desfile é de intensa alegria entre os festeiros, não só pela presença dos animais como também, do cumprimento de promessas, pois alguns festeiros pagam suas dívidas com Santo Antônio por meio do trajeto com seus bois.

O pipocar dos fogos de artifício se exacerbam, os risos se alargam e a fogueira ganha amplitude. Mulheres são vistas andando a cavalo acompanhando os carros de bois, os candieiros, que são guias dos bois, revelam a direção que os bois devem seguir e são formados por crianças e por adultos, homens e mulheres sem distinção de gênero. Juntas de até vinte e quatro 'reis', são vislumbradas desfilando nas ruas de Tabocas. Crianças acompanham os carros entusiasmadas, algumas se valem dele como meio de um pequeno passeio pelo lugar já conhecido, mas de uma maneira incrivelmente diferente. O almoço já se encontra servido em uma mesa farta que sana a fome de alguns festeiros apressados que não esperaram o findar da construção da fogueira para se alimentar. Enquanto uma panela é esvaziada, outra já lhe é substituta. As cozinheiras festeiras se revezam para que não falte alimento a ninguém. Nesse dia, a comida é gratuita para todos, festeiros ou não, devotos ou não. Dádiva oferecida a todos de quem tem contas a acertar com Santo Antônio.

Figura 23 - Bois e carreios após o desfile

Ao findar da construção da fogueira, alguns choram por ter cumprido a tarefa prometida ao santo homenageado, outros correm para soltar caixas e mais caixas de foguetes. Entre estes, há os que vão se alimentar depois de um dia exaustivo de trabalho enquanto outros mal esperam o findar da construção para tomarem a famosa Farrista, cachaça muito consumida em Abaeté e produzida na cidade vizinha de Martinho Campos. Novamente aqui, vale ser lembrada a categoria da devoção, pois "*o imaginário e o trabalho simbólico populares recriam o aprendizado feito e o transformam no corpus religioso dos seus sistemas comunitários de devoção católica".* (BRANDÃO, 1983, p.24).

O almoço é servido às quatro horas da tarde e a festa é aguardada com entusiasmo, nesse momento, ocorre a confraternização de festeiros e devotos com suas famílias inteiras, juntamente com os habitantes da região rural de Abaeté e os devotos das cidades

longínquas dali. Momento mesclado pelo barulho de orações individuais, estourar de foguetes e gritos vindos de devotos embriagados. Por volta das seis horas, os sujeitos vão se preparar e banhar para a "Grande Festa". Outro momento marcante, já por volta das oito da noite, é o hasteamento do mastro de Santo Antônio das Tabocas, colorido e ornamentado com flores permanece onde fora posto até ser corroído pela ação do tempo e é estendido assim que o pavio de querosene é disparado acertando a parte superior da fogueira, acendendo-a. Segundo Chianca

> Diferentemente das bandeiras e estandartes, os mastros são fixos e marcam o local onde uma cerimônia se desenrola: diante de residências, praças ou igrejas. Os mastros podem ser erigidos para todos os santos, mas é, sobretudo, nas festas de São João e Santo Antônio que eles são presentes. Invertendo provisoriamente a função da rua, que é tradicionalmente profana e pública, o mastro anunciava a visita transitória do sagrado e convidava vizinhos e amigos ao restabelecimento do cotidiano, quando a rua recuperava suas funções sociais ordinárias. (CHIANCA, 2007, p.66).

Os mastros enfeitam Tabocas no momento da queima da fogueira, são produzidos pelas festeiras no dia 12 de junho pela manhã. Com o dinheiro arrecadado, é feita a compra de flores, fitas e a impressão da imagem do mastro. Na cidade de Abaeté, em dias de festa de Santo Antônio não é raro ver os mastros feitos para comemorar o dia do santo.

3.3 - As quadrilhas e a despedida da trezena

A chamada "Grande Festa" se inicia e o mastro, estendido concomitante com o show pirotécnico, marca a figura de Santo Antônio como pertencente, marca insígnia e patrono de Tabocas. Nesse momento, promessas são feitas e cumpridas, moças fazem seus pedidos, beatas pedem esperança, desviram ou reviram o santo numa intimidade que nem parece estabelecer uma relação entre devoto e santidade, moças e rapazes são presos na "cadeia do amor", típica em quase todas as festas juninas urbanas, e as coisas perdidas, voltam de onde saíram, pelo menos, simbolicamente. Caso contrário, miniaturas do santo serão mergulhadas em jarros contendo aguardente. Tem-se o início da grande quadrilha.

Segundo Chianca (2007), a história das quadrilhas no Brasil não é recente. Em terras brasileiras, as quadrilhas estiveram, durante muito tempo, ligadas às classes altas[28] e no momento em que foi desprezada pelas camadas burguesas urbanas em função de estar ligada ao período colonial e imperial, foi deslocada para o interior e considerada "fora de moda". Assim, Chianca explica a motivação das vestes caricaturais dos dançarinos – fazendo menção ao Jeca - atribuindo valores negativos ao homem que vive no meio rural. Os dançarinos se vestem de "caipiras", com calças furadas, emendadas, com chapéus de palha e fumo de rolo no bolço. As mulheres vestem-se com vestidos de chita, muitas fazem tranças nos cabelos e usam laços para se enfeitar.

Figura 24 - Quadrilha

Em Tabocas, há um locutor responsável por narrar os momentos da festa com um grande carro de som alugado pelos festeiros sob a coordenação de Salminho. O que não pode faltar em qualquer festa junina? Quadrilha[29]! O locutor anuncia o início da festa... Nesse momento a fogueira que foi construída através do esforço coletivo é queimada. A fogueira queima vagarosamente, de cima para baixo, o mastro foi hasteado num dos pontos mais alto de Tabocas e a quadrilha se inicia. Há diferentes modos de se dançar quadrilha, segundo Neto, existem três: matuta ou tradicional, estilizada e recriada . A vislumbrada em Tabocas é a quadrilha matuta ou tradicional, que segundo ele,

28 As descrições dos viajantes da época do Brasil colonial apresentam as quadrilhas como danças praticadas nos salões ricos da corte, tanto na cidade quanto no campo, e nos falam que D. Pedro II era muitíssimo apreciador de quadrilhas. Ao longo dos anos, a quadrilha democratizou-se até se tornar uma dança praticada pelos menos abastados. Essa história pode ser compreendida quando sabemos que uma vez chegadas à corte do Rio de Janeiro as quadrilhas disseminaram-se, entrando nos ricos salões de Salvador, Recife e São Paulo em suas várias versões: "quadrilha de Julien", "quadrilha de Munsard", francesa, diplomática , napolitana, de lanceiros e quadrilha *scottish*. (CHIANCA, 2007 p.50)

29 Etimologicamente a palavra quadrilha é proveniente do francês quadrille, do italiano quadriglia ou squadro e do espanhol cuadrilhas que remetem a disposição dos pares em formato quadrado. Alguns trabalhos,informam que a quadrilha, originária dos campos da Normandia e apropriada pela elite francesa, espalhou-se pela Europa como um conjunto de danças palacianas e no Brasil, foi difundida no início do século XIX, com a chegada da família real. (NETO, 2008, p. 02).

> É resultado de inevitáveis transformações da quadrilha que saiu da corte para a zona rural e que volta aos centros urbanos... é a nova concepção de quadrilha que a tradição cuida de dar sentido de perenidade e eternidade. Por isso, agrega outros elementos de identificação como a caricatura do homem rural (matuto), o gênero forró e a representação de um casamento. (NETO, 2008, p. 14).

Em Tabocas, o grupo de dançarinos da cidade de Abaeté se apresentou. O grupo, chamado Arraial do Fubá compõe-se de 40 integrantes de 10 a 70 anos de idade fazendo apresentações em toda região nas praças, escolas e festas da região. Começou através dos gracejos e das reuniões feitas na casa de Dona Maria Benzedeira em Abaeté e hoje, é um dos principais atrativos da festa de Santo Antônio das Tabocas, pois, além dos pertencentes ao grupo, podem ir dançar os festeiros e os que vão à festa, desde que estejam vestidos a caráter. Ainda, segundo Chianca

> Este conjunto de práticas revela que a relação que se estabelece entre os dançarinos da quadrilha e os santos é o resultado amplamente socializado de um culto coletivo próprio ao grupo, que se torna um 'totem' dos quais os intercessores são os santos, posto que ao grupo foi devotada a energia vital de cada membro durante todo o ano de preparação da dança: as promessas ritualizam o dom de si e por isso são públicas. (CHIANCA, 2007, p. 71).

As pessoas do grupo passam semanas a preparar suas roupagens, ensaiar os passos da dança, modificando alguns, repetindo outros e fazendo encontros durante a semana para estarem aptos para dançar sem o risco de cometerem erros. O interessante é que, enquanto alguns dançam, dona Benzedeira aproveita seu 'dom' para acalmar e curar algumas doenças e dores dos que ocasionalmente vão para assistir os ensaios, como aqueles que sofrem do que ela chama de "espinhela caída", ou seja, uma espécie de "mal olhado".

Nesses encontros reúnem-se pessoas de Tabocas, das regiões rurais e de Abaeté, e assim, a festa encerra o 12° dia da Trezena e segue madrugada adentro

Figura 25 – Procissão de Santo Antônio

festejando o dia 13, dando espaço para o encerramento da festa, que é realizado ou pelos franciscanos ou pelo padre diocesano de Abaeté. O 13° dia, que marca o findar da festa, encerra-se na peregrinação, nas romarias e nas práticas sagradas do fazer festivo ensejado pelos fiéis. Este dia é marcado pelo não uso de bebidas alcoólicas (ou o uso muito incipiente), o recato e o bom comportamento, não descartando, porém, os gracejos com o santo como é de costume.

Nem findou a festa em Tabocas e os romeiros chegam de longe. É possível ver pessoas das cidades de Martinho Campos, Pompéu e Abaeté. Juntamente a chegada dos romeiros, ocorre as procissões que são marcadas por desfiles feitos nas estradas de Tabocas pelos festeiros e devotos. Terminadas as procissões, por volta das dez horas da manhã, ocorre a missa realizada pelo padre Paulo e por fim, são anunciados os festeiros do ano seguinte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mal termina a missa e os festeiros já procedem a limpeza de Tabocas e tiram o lixo deixado pelas pessoas que visitaram a localidade durante a festa. As mulheres, após a procissão, retiram o adorno das imagens e levam-na para o altar já limpo. Aos poucos, as pessoas vão se retirando de Tabocas e deixando a imagem de um povoado movimentado para trás. Saudade é a palavra que fica registrada na fala de muitos festeiros.

Nesse momento é possível ver a alegria daqueles que se sentem revigorados por terem findado um longo trabalho durante a trezena, muitos festeiros se preparam para fazer a viagem de retorno às suas cidades com suas famílias. A festa, como um momento do encontro, retrata o trajeto do sitiante e do homem pobre rural em buscas de melhores condições de vida e trabalho nas cidades. A despedida de Tabocas e de Abaeté está incorporada na fala de muitos festeiros e devotos de Santo Antônio, pois a vida no campo não deixa possibilidades otimistas para aqueles que ainda persistem no cultivo da terra. Com os pastos naturais esgotados, fica cada vez mais difícil vender a terra a um sitiante vizinho ou a um conhecido, como relata o Seo Pedro. Assim, os compradores de fora, muitos deles empreiteiros e empresários da monocultura do eucalipto, trazem com eles novas técnicas para se relacionar com a terra: ordenhas mecânicas, tratores e máquinas agrícolas.

Fazendo alusão ao nome das cidades vizinhas de Abaeté, como Dores do Indaiá e Serra da Saudade, Noronha (2013) mostra como essas cidades do oeste mineiro são compostas por inspirações religiosas e também faz experimentar a sensação de estar num espaço permeado pelo sentimento de descrença.

Como foi mostrado ao longo do texto, a festa é marcada pelo fenômeno da emigração e por pessoas que buscam melhores condições de vida fora de Abaeté e das regiões rurais deste município. Nesse sentido, é no momento da festa que os festeiros que outrora partiram podem experimentar e revisitar a sensação de partilha e de comunidade. A trezena, nesse sentido, se colocou como um meio privilegiado de pensar as motivações de longas viagens feitas pelos festeiros e sitiantes até chegarem a Tabocas, não resulta apenas do encontro, é o amalgamento de fé e devoção a Santo Antônio.

APENDICE I - Transcrição das Prédicas lidas durante a trezena

1° Dia da Trezena

No dia 15 de agosto de 1195, em Lisboa, Portugal, nasceu aquele que seria Santo Antônio. Foi batizado com o nome de Fernando. No dia do batismo, a mãe consagrou a criança a Deus e a Nossa Senhora. O pai era governador de Lisboa e por essa razão, o menino tinha contato fácil com o luxo e a vida palaciana, Todos podemos imaginar o ambiente de orgulho e ostentação que reina nesses lugares. O nosso Fernando passou vitorioso através dessas tentações, conservando-se humilde e desligado do luxo e das riquezas, sempre compreensivo e atencioso para com todos. Fernando foi para o seminário dos padres agostinianos. Renuncia a tudo: riqueza, família, amigos, viagens poderes e privilégios para servir Deus. Em uma conversa com uma colega disse: "Vim para o Seminário para estudar e tornar-me padre para servir a Deus". Para ele responder ao chamado que sentia, um chamado para seguir bem perto o Senhor, não foi fácil. Mas superou todas as dificuldades com oração e força de vontade. Para você refletir, em seu coração: Para a gente seguir os ensinamentos de Jesus é preciso ter muita coragem... Jesus, que chamou Simão, André, Tiago, João e Antônio, continua chamando cada um de nós. Como responderemos?

Leitura Bíblica: Marcos Capítulo 1, Versículos 16-20.

2° Dia da Trezena:

Fernando queria responder ao chamado de Deus, que o convidava a segui-lo mais perto. Por isso, aos 15 anos de idade, decidiu tornar-se padre. Encontrou no convento dos agostinianos. Ingressando nesta comunidade, renunciou a todos os direitos e às propriedades do pai. Lá passou dez anos, estudando, sobretudo, a Sagrada Escritura. Desejava, porém, dedicar-se sempre mais ao serviço do Senhor. Conheceu, naquele tempo, os franciscanos. Conheceu também a vida pobre que levavam. Acompanhou o episódio de cinco frades, que deixaram sua terra para pregar o Evangelho aos muçulmanos e que foram mortos porque seguiam Jesus e pregavam a palavra dele. Ao saber da morte dos cinco frades, por causa de Jesus Cristo, Fernando decidiu-se: deixou o convento em que estava, e onde tinha uma vida confortável, e ingressou para o convento dos franciscanos, desejoso de ser enviado a terras estrangeiras para

pregar o Evangelho e talvez morrer, dando sua vida por Jesus e pelos irmãos. Ao entrar na ordem dos franciscanos, mudou seu nome para Antônio para significar que estava vivendo uma vida totalmente nova

Leitura Bíblica: Marcos Capítulo 16, Versículos 12-16.

3° Dia da Trezena:

Antônio tinha decidido entrar na ordem dos franciscanos para tornar-se um missionário no estrangeiro, pregando a palavra de Deus, disposto a tudo, até a morrer por causa do evangelho. Em 1220, Antônio, com um companheiro, deixou sua terra. Embarcou em Lisboa e foi navegando para a África. Mal pusera pé em terra, apanhou uma febre que o manteve prostrado vários meses na África. Quando ficou bastante forte para poder viajar, voltou para a sua terra. Durante a sua permanência na África, não pregou um só sermão, não converteu um só muçulmano, não derramou uma só gota de sangue por Cristo. A primeira tentativa foi um total fracasso.

Leitura Bíblica: Lucas Capítulo 13, Versículos 6-9

4° Dia da Trezena:

Antônio, sem dúvida, teria ficado muito abatido com a volta para a sua terra. Na viagem de volta, uma tempestade desviou o navio em que viajava para outra terra: a Sicília. Depois de recuperar-se, dirigiu-se ao encontro de São Francisco de Assis e, de lá, foi para outras cidades. Sempre com os irmãos franciscanos, viveu de verdade a pobreza. Reparou, no entanto, que no convento todos trabalhavam, só ele ficava rezando e estudando a Sagrada Escritura. Os outros irmãos achava natural ele viver assim, pois era padre. Mas, um dia, ele apareceu na cozinha e pediu ao cozinheiro que o deixasse ajudar na lavagem dos pratos, a tirar a mesa e a lavar o chão depois do jantar.

Leitura Bíblica: João Capítulo 13, Versículos 12-17

5° Dia da Trezena:

A primeira vez que Antônio pregou foi um dia em que os outros padres, que estavam presentes na Igreja, não queriam que ele pregasse. Mas falou tão bem que todos ficaram entusiasmados. Daquele dia em diante multidões de homens e mulheres procuravam escutá-lo.

O seu auditório contava, às vezes, com mais de trinta mil pessoas. Antônio, na pregação, insistia como João Batista, na necessidade de conversão, da mudança de vida. Muitas vezes, depois que acabava de pregar, o número de pessoas que queria se confessar era tão grande que não havia, nas redondezas, sacerdotes bastantes para ouvir as confissões dos que queriam mudar de vida. Um homem muito idoso contava desse jeito seu encontro com Antônio: "Eu era ladrão de profissão. Pertencia a uma quadrilha de doze ladrões. Vivíamos no mato e assaltávamos todos os que passavam. Tendo ouvido a pregação de Antônio, resolvemos ir, disfarçados, ouvir o sermão dele. Assim que escutamos as suas palavras, começamos a sentir remorso e contrição dos nossos pecados e crimes e decidimos mudar a nossa vida".

Leitura Bíblica: Lucas capítulo 3, versículos 3-11.

Para você refletir em seu coração: Este texto do Evangelho é um convite á conversão. Conversão significa mudança de vida, para melhor. Em que você precisa melhorar?

6° Dia da Trezena:

Uma noite, Antônio, sempre a caminho para pregar a palavra de Deus, pediu hospedagem numa mansão. Depois de jantar, recolheu-se ao seu quarto e, como sempre, continuou a rezar durante a noite. Subitamente, foi envolvido por uma luz e apareceu Jesus menino para conversar com ele. O dono da casa, que tinha oferecido hospedagem a Antônio, reparou a luz extraordinária que enchia a casa e viu a visão com os próprios olhos. Por isso, as imagens de Santo Antônio nos apresentam o santo com o menino Jesus nos braços, para nos lembrar a intimidade que existia entre Jesus e o santo e para nos incentivar a ter a mesma amizade com Jesus.

Leitura Bíblica: Mateus capítulo 6, versículos 5-14

Para você refletir, em seu coração: Estamos rezando para nos mostrar? Devemos rezar repetindo longas orações? O que, antes de tudo, devemos pedir nas orações? Vale a pena rezar se não soubermos perdoar? Temos o costume de nos unir aos outros para rezar? Esta certo quem diz: "Rezo a Deus em minha casa e não preciso ir à Igreja?"

7° Dia da Trezena: Antônio, ao pregar o Evangelho, não tinha medo de chamar a atenção dos outros. Sua preocupação era com a verdade. Um rico senhor morreu. Durante sua vida terrena tinha acumulado grandes riquezas, sem escrúpulos, aproveitando-se dos fracos, explorando

os pobres. Antônio, na pregação, condenou as ações do rico, lembrando aquele trecho do Evangelho em que Jesus afirma que "é mais fácil um camelo passar por um buraco da agulha do que um rico entrar no reúno dos céus (Mateus, capítulo 24 – versículo 24). A família do finado ficou furiosa. Então Antônio dirigiu-se à casa do falecido e, diante de todos, mandou que abrissem o cofre-forte, e ali encontrariam o coração daquele que morrera. Contam que os presentes insistiram em verificar. Aberto o cofre-forte, depararam com o coração pulsando em meio ao dinheiro.

Leitura Bíblica: Lucas capítulo 9, versículo 1-10.

8° Dia da Trezena: Antônio estava cansado de tanto andar pregando a palavra de Deus. Era muito conhecido e, quando chegava a uma cidade, fechava-se o comércio para permitir a todos que escutassem seus sermões. Sentindo que a morte estava perto de chegar, decidiu empregar todo o tempo possível na contemplação e na oração. Pediu que permitissem a ele e a alguns irmãos construir choupanas na floresta, perto de Pádua, a fim de que, na solidão daquele lugar, pudessem aplicar-se à oração e à contemplação. Assim, no silêncio das selvas, levantaram uma cela para Antônio: a última morada de um homem que tinha nascido no palácio. No ano de 1231, o dia 13 de junho caiu numa sexta-feira. Ao meio-dia Antônio foi tomar parte na refeição comum. Sentiu, de repente, uma fraqueza e seus companheiros o retiraram da mesa, carregado. Achando que na cidade ele receberia melhor assistência na sua doença, levaram-no para Pádua. Faleceu a caminho, depois de confessar e receber a unção dos enfermos.

Leitura Bíblica: Mateus capítulo 24, versículos 45-31.

Para você refletir em seu coração: O senhor Deus colocou cada um de nós para tomar conta das coisas aqui na terra. Estamos nos esforçando para dar conta do recado? Cada um de nós temos alguém sob a nossa responsabilidade. Temos tido o cuidado de conduzi-los para Deus?

9° Dia da Trezena: Quando o corpo de Antônio chegou em Pádua, as crianças corriam pela rua gritando: "O Santo frade Antônio morreu! O Santo frade Antônio morreu!" Santo Antônio deixou para nós muitos ensinamentos. O principal, sem dúvida, foi o amor a Deus e aos irmãos. Uma coisa que chama bastante nossa atenção foi seu amor à Sagrada Escritura. Durante toda a sua vida estudou os livros sagrados e ensinava a Bíblia aos frades. Nos sermões, gostava sempre de relatar as palavras e os fatos de Jesus. Naquele tempo, ter um

livro não era tão fácil como hoje. Mas Antônio tinha uma Bíblia, em cujas margens ia anotando seus estudos, lições, comparações e pensamentos. Para Antônio, a Bíblia era a luz que ilumina a história de hoje. Nas imagens de Santo Antônio, ele está conversando com o menino Jesus e com um livro: este livro é a Bíblia. Ele continua a nos transmitir a mensagem de que se queremos ser seus devotos e seguir seu exemplo, devemos ler e estudar a Bíblia.

Leitura Bíblica: Salmo capítulo 118, versículos 33-34

Para você refletir em seu coração: Nós cristãos católicos temos a Bíblia Sagrada como fundamento doutrinal. Você tem procurado escutar e por em prática a Palavra de Deus? Os mandamentos do Senhor são fiéis. Você tem seguido os mandamentos de Deus em sua vida? Você tem se esforçado para observar as normas que Deus nos Deu? Santo Antônio é um grande exemplo para nós no empenho em difundir a Palavra de Deus. Nós que estamos fazendo esta trezena dedicada a Santo Antônio devemos nos comprometer com a difusão da Palavra de Deus.

10° Dia da Trezena: Muitas são as devoções com que se procura venerar Santo Antônio. Estamos familiarizados com a caridosa devoção conhecida pelo nome de "Pão de Santo Antônio". Em muitas igrejas, temos visto caixas onde os fiéis podem depositar pequenas esmolas, que se destinam à alimentação dos pobres que recorrem ao "Pão de Santo Antônio". Santo Antônio, seguindo os ensinamentos de Cristo, sempre olhou muito de perto e com muito carinho os pobres, os doentes, os pecadores e sofredores. Ia sempre ao encontro deles, não deixando-lhes faltar o mínimo necessário para uma vida digna em comunidade. Quando estamos unidos a Cristo promovemos a paz, o perdão, o respeito na relação humana. Ensinou a seus frades e seguidores a serem solidários não só no pão nosso de cada dia, tão necessário à sobrevivência, mas também no alimento espiritual que nos dá força, nos santifica, para fazer novas todas as coisas, segundo o evangelho

11° Dia da Trezena: Santo Antônio é considerado padroeiro por muitas pessoas. Mas, o que significa considerar Santo Antônio como padroeiro? Santo Antônio é o santo dos impossíveis. Aquele a quem se recorre quando as coisas andam pretas, aquele que se pode interceder junto a Deus por nós. Sabemos que Santo Antônio apresenta suas orações por nós ao Senhor. Se, em vida, fez muitos milagres, continua sendo um santo bem poderoso. Tudo isso está certo, mas não é o mais importante. Considerar Santo Antônio como padroeiro significa, sobretudo

querer imitar o que ele fez, suas ações. Devoção a Santo Antônio é, antes de mais nada, imitar o que ele fez. Só depois podemos enfeitar sua imagem, fazer pedidos...

Leitura Bíblica: Lucas capítulo 6, versículo 46-49.

12° Dia da Trezena:

Santo Antônio é considerado o "santo casamenteiro". Há muitos séculos existe, por parte das moças que desejam casar-se, a prática de recorrer ao santo. Ninguém sabe por que foi Santo Antônio escolhido como o santo forte para ajudar nos casamentos. O importante, para nós, é descobrir a mensagem que o santo nos transmite sobre o casamento. Quando meditamos sobre o casamento, percebemos um duplo compromisso: do esposo para com a esposa e dela para com ele. As responsabilidades são iguais. Muitos não pensam assim. Vamos analisar um exemplo da vida real, para a gente poder discutir melhor: Um dia Severina encontrou José na feira. Olharam-se e se gostaram. E então o amor começou. Namoro aqui, namoro ali, vira e mexe, e José tinha ciúme até da sombra. Severina era muito feliz, se relacionava bem com todos e estava sempre alegre, risonha, pau para toda obra. José era mandão, durão e sempre dizia: "Olha, Severina, mulher foi feita para obedecer. Você conhece o seu lugar, não seja afoita. Eu não quero que você pinte e nem corte os seus cabelos. Quem manda sou eu..."

Leitura Bíblica: Gênesis capítulo 2, versículos 18-24

13° e último dia da Trezena

Santo Antônio viveu num tempo de brigas e de guerras. Pregou a todos o amor, a união, incentivando-os a viver em comunidade. Comunidade é o que nós também queremos realizar. Encontramo-nos durante esses dias justamente para conhecer mais o santo e para aumentar, entre nós, o conhecimento e a amizade. Santo Antônio foi um excelente orador e pregador, e todos ficaram maravilhados ao ouvi-lo. Mas, acima de tudo, era um perfeito discípulo de Jesus Cristo. Gostava da vida humilde, mas sendo obediente revelava seus talentos e corria onde seus superiores o chamavam: prega, ensina teologia, compõe obras, exerce o cargo de guardião, sempre por obediência. Sigamos seu exemplo.

Leitura Bíblica: 1 Jó capítulo 4, versículos 7-11

APENDICE II – Entrevistas

Entrevista Seo Zé cândido de Almeida

E - Como o senhor prefere que eu te chame? O senhor é parente do Salminho?
Eu me chamo José Candido de Almeida, mas se me chamarem de Zé Almeida, eu não escuto não... me chama de Seo Zé! Minha sogra era Maria Cândida de Almeida, tem muita gente da região sul que é parente, em Parisinho eu só tenho amigos... Minha família ia na festa nos anos 30!
E – Anos 30?
Z – Anos 30... era a época do meu pai, meu pai nos anos 30 já participava da festa.
E - Quem era o pai do senhor?
Z – Seu Valmir ... Agora eu nasci em 1935, quer dizer, com 15, 10 anos nós já ia na festa, mas eu sei te contar com nove a gente já trabalhava na roça. Fazendo as costas é por volta 1945 que eu ia, rapazinho...
E – O senhor acompanhava seu pai?
Z – Sim. Ai nós já era rapazinho né... de carro de boi, nós pegava o carro de boi, nós não ia com a mudança não, nós ia para lá para tirar madeira. Tirava madeira do cerrado, tirava palha de Indaiá para nós fazer o rancho de pau a pique, fazia um ranchão de dois cômodo grande que era para cozinhar e outro pro povo todo dormir, dormia era no chão tudo junto...ai nós voltava pro sítio. Deixava o rancho pronto que era muito sitiante que fazia rancho, depois fazia mais festa... Meu pai era quem arranjava os pasto pra por a boiada, tinha sempre um amigo, muita gente dos sítios. O Antônio Frederico de Almeida era primo do meu pai.
E – Era o vô do Salminho?
Z – Exatamente, era o vô do Salminho
E- Ele era o vô do Salminho... eu conversei muito com ele, ele falou que a família dele começou a festa em Tabocas.
Z – Exatamente, é ele porque era um taboqueiro legítimo. Hoje o comandante lá é o Salminho... Por exemplo, amanha é o dia da fogueira e é ele que inicia tudo, ele que começa, ele que é o chefe da turma, que vai lá em cima da fogueira.

E- Outra vez que eu fui com ele, ele me mostrou tudo, mostrou os familiares dele daqui de perto, de Divinópolis.

Z – Naquela época igual o que eu tô te falando, era tudo reunido, ninguém mudava para fora, para cidade... A gente não queria deixar os filhos irem embora, mas não tinha estudo, por exemplo assim...se quisesse até estudar mais, vinha aqui para Abaeté tirava o diploma (4° série) e queria voltar para roça, doido para trabalhar... Então é isso que eu tô te falando, é seguindo, nós voltava para o sítio... A festa não é igual mais não! Nossa, era aqueles trem mais bacana! Aqueles biscoitão de fubá... minha mãe fazia... nós falava que era caixa hoje fala que é baú, uma caixa grande igual a que eu tenho aqui...Tava passando roupa em riba dela... Dava para por uma cama de solteiro em cima...que quando a gente casou, era mobília...essa caixa era cheia de biscoito...era biscoito até, era lata de doce de leite, lata de arroz doce que minha mãe fazia, para nós levar para Tabocas. Tinha muito doce também!

E – E todos moravam na roça?

Z – Todos ....da nossa fazenda lá era uns 5km de carro de boi...demorava...é nós ia...até pegar o carro, arrumar tudo. Tinha que ver como é que cabia, as vezes não dava para levar tudo...e o meu irmão que era o mais velho, Nelito já falecido... Ele ia com a carroça ajudando, trazia o carro de boi e a carroça... nós acampava lá e fazia a festa.

E- Hoje eu tenho a impressão que quase ninguém mora na região rural.

Z – A maioria dessa festa nossa ai, pessoal vem de fora, quer dizer os que era daqui mudaram tudo, tem o parentesco, mas é tudo de fora. Eu tenho uma irmã que mora em Belo Horizonte, ela não vai dar conta de vir, coitada, o marido dela é viajante, é caminhoneiro, tá lá pros lados de Goiás, nós já ligamos pra lá, ele falou que tá doido pra vir, mas tá achando que só vai chegar em Belo Horizonte quinta feira.. A festa é amanhã e depois. Mas tem muito primo que vem, que morava aqui e que agora mora em Belo Horizonte.

E - Como o senhor acha que está a festa hoje?

Z – Teve carro de boi esse ano mas foi fraco, fraco... acho que foi treze ou vinte e três carros de boi... no passado tinha mais de quarenta.

E – Esse ano ainda vai ter, que é amanha que o carro de boi vai desfilar.

Z – Não foi ontem não?

E – Vai construir a fogueira hoje. Ontem foi a cavalgada

Z – eu achei que os carros de boi eram ontem também

E – O senhor não tá indo mais não?

Z – Vou o dia todo. Mas não vou igual eu ia de a pé mais, porque tenho problema no joelho, eu vou de condução, igual amanhã eu já não vou porque é a noite e é frio demais, a gente passa friagem demais, chega aqui de madrugada pra dormir pra depois voltar de novo, a gente tá cansado, não dá conta mais não. Agora minha família toda vai, meus filho tudo vai de a pé, e sai dai cinco horas da madrugada pra última missa. Vai na capela, recebe a benção do padre e vai embora. E daqui de Abaeté até lá é treze quilômetros. Agora eu só vou à missa aqui em Abaeté, porque eu moro aqui, só aos domingos, mas não perco uma missa às sete horas da manhã. Só se eu não estiver aqui, que eu gosto muito de pescaria e tem vezes que agente dorme pros matos no fim de semana, ai eu não vou a missa. Mas eu estando aqui vou todo domingo, agora eu tô querendo passar para essa missa dos homens... é bom demais! Só vou aos domingos, não perco não, levanto cedinho... ai depois que eu vou arrumar minha casa e tratar dos meus passarinhos.

E – Tem alguma história que o senhor gostaria que eu contasse pra quem não conhece a festa?

Z- Hoje está difícil para gente falar da festa... Por exemplo, tem o rancho de Santo Antônio (Rancho Alegre), toda vida tem ele, mas o rancho de Santo Antônio está muito avacalhado, sabe? Há brigas lá dentro porque enche demais, lá é rancho grande, os outros barracos nem existe mais... mas na minha época o rancho era bom demais. O rancho de Santo Antônio era de palha de Indaiá, hoje já mudou demais então não é aquela tradição mais. A gente ia de carroça de boi, vendendo laranja, mexerica, abacaxi, manga, vendia baratinho. Lembro disso como se fosse hoje, da gente vendendo as frutas. Então o mesmo era isso na festa, ir de carroça de boi, encostar lá no canto e vender sua laranja, abacaxi, frutas. Depois tinha as comidas de Santo Antônio, as canjicas, os quentão e era uma alegria boa demais.

E – O senhor já recebeu algum milagre de Santo Antônio?

Z – A fé da gente é demais, eu nunca recebi um milagre de Santo Antônio não, mas que tem gente que recebe, recebe... Tem fé em Santo Antônio que vai dar certo esse negócio. Minha esposa, nossa... foi o Santo Antônio que abençoou ela...todo ano ela ia. Eu tenho quatro filhos, três homens e uma mulher...desde o primeiro filho, ela fazia promessa deles irem pra festa vestidos de Santo Antônio, lá na Tabocas sabe, lá o padre fazia eles ficarem arrumadinhos (com as vestes franciscanas). Eu morava na Região de Piteiras, do nosso sítio até Tabocas era 5km. Depois meu pai comprou um sítio chamado Passos da Laje era um sítio ruim de 70 alqueires, esse já fazia divisa com a Tabocas. Hoje a gente vai na Taboca, mas tá tudo diferente, a gente mudou pra cidade, o povo foi todo se espalhando né.

Entrevista com Mércia – Relato de um milagre.

E - O nome da senhora é Mércia? A senhora nasceu aqui em Tabocas?

M – Nasci aqui. Foi o meu bisavô que doou terreno aqui, sabe, pros pobre, pra Santo Antônio, vinte alqueire de terra, mais tarde você vai ver...

E – Quem era o avô da senhora?

M - Ai minha filha, nem sei o nome dele...você acredita?! Deve tá nesse livro antigo que eles achou, lá deve tá o nome dele né?

E- A senhora tira terço aqui?

M – Tiro. Agora eu parei, agora é missa mas antigamente era só terço. Isso aqui é doação para Santo Antônio (mostra os porcos e galinhas), para o almoço do pessoal da fogueira de Santo Antônio... tem que fazer um mutirão.

E – O que a senhora gosta na festa, acha interessante pra eu contar?

M – Da festa? Se fala assim sobre o movimento...essas coisas? Eu acho interessante a cavalgada, a fogueira, o levantamento do mastro, os romeiros chegando, a igreja dia 13 de manhã eu acho muito bonita, que teve um ano que eu trabalhei tanto, sabe, cansada demais... Ai na hora que eu vi os romeiros chegando, uns entrando joelhado dentro da igreja, eu achei bonito demais... ai minha canseira foi tudo embora! Parece até que Deus tirou com a mão, sabe... aquele estressamento que eu tava tendo. Então Santo Antônio é muito milagroso e eu já recebi muitas graças sabe? Meu irmão mesmo que caiu, caiu de cima da casa que tava arrumando o telhado, e deu traumatismo craniano e eu peguei com Santo Antônio, que todo ano ele que terminava a fogueira lá em cima...e eu peguei com Santo Antônio, se meu irmão ficar bom, e ficar sem sequela nenhuma, e vou fazer uma cabeça de cera, e por na sala dos milagres, e ele vai continuar fazendo sua fogueira Santo Antônio, se Deus quiser, se ele não ficar com sequela nenhuma e sarar. Ele sarou, não ficou com sequela nenhuma, porque deu um coágulo na cabeça dele, sabe, traumatismo craniano, e eu recebi essa grande graça.

E- Ai a senhora depositou o ex-voto?

M – Depositei a cabeça de cera, e ele tá ai, todo ano ele vem pra fazer a fogueira, mora lá em Belo Horizonte.

E – Eu vi que tem a sala ali né, dos ex-votos, que tem esse material, vela, material cirúrgico...

M – Ali é a sala dos milagres. Tudo que tá ali é graça que as pessoas recebe e deixam os negócios lá. É mão de cera, pé de cera, cabeça de cera... é tudo.

Outra senhora entra na conversa – festeira Junia, mulher do também festeiro Betinho.

E- Aqui não tem mais muita gente roça morando, né, mora pouca gente...

B – Pouca gente, tem mais os fazendeiro, pra lá o Chico, mas que mora aqui mesmo é a Rosângela, tem a tia dela ali, o Sabino, Seo Zé e o Eloi ali. Que mora ali. Agora a gente vem de quinze em quinze dias.

M – Eu tava arrumando uma tesoura emprestada aqui com a vizinha, que eu esqueci de trazer a minha. E eu perdi a tesoura sabe, e a tesoura sumiu, ai a irmã da dona que me emprestou a tesoura, a irmã da Alaide, a Ivanir, fez promessa. Nós queremos a mesma tesoura que sumiu, porque a Alaide gosta demais da tesoura, e ela não aceita comprar outra pra ela não. E eu fiquei apertada minha filha, peguei com Santo Antônio, falei assim santo Antônio, como você é milagroso, e todo mundo sabe que você é milagroso né, me ajuda que a tesoura aparece pra mim devolver a tesoura a dona né. E passou mais ou menos um mês, quando tava fazendo quase dois meses, sabe, eu sonhei com santo Antônio caminhando, foi tipo um sonho, eu vi o santo Antônio caminhando, falei: Regina, quem é esse que está caminhando desse tamanhão vestido de marrom, ai que eu fui ver que era Santo Antônio, ai que a tesoura apareceu noutro dia?! Apareceu lá em casa, acho que ele foi no lugar e buscou a tesoura para mim.

E – Olha...e a senhora perdeu ela aqui?

M – A eu não sei onde foi que eu perdi não, ela sumiu....os que faz a fogueIra ali é tudo nosso parente, irmão, sobrinho, amigos... Salminho é nosso irmão, os amigos também ajudam. Vem gente de Martinho Campos, Abaeté... Os mais velhos que vão embora assim, que é nossos pais, ai vai ficando os filhos, toda família, mas ali é tudo da família.

E - Quase não tem moradores em Tabocas, o pessoal foi pra cidade né...

M – É... igual que eu tô falando do meu pai assim, por exemplo, tem os netos, os filhos sabe, quer dizer que é uma tradição de família. Outras pessoas também ajuda sabe, só que os nossos irmãos, nossos pais, os antigos que já se foi do mundo, todos ajudava a fazer essa fogueira. Ai os filho continuo, né, no lugar os netos mesmo...

E – Uma das coisas que eu achava antes era que as pessoas que faziam a festa moravam aqui na roça.

M – Antigamente essa festa era só um casal que fazia ela, tinha um casal de fazendeiros sabe, e eles davam tudo de doce, davam tudo tipo de doce que você pensar e tudo de graça e as pessoa comia ficava farto, cheio né, Mirtes? De tanto comer as coisas e tudo de graça, agora aqui é assim desse jeito, se quiser tem que comprar ali no rancho né, as comidas, os marmitex,

antigamente não era assim não. E era só um casal que era festeiro, agora tem mais né. Diz que o povo comia tanto doce, sabe, de arder na garganta e o povo vomitar no primeiro dia. Risos Cada doce bem feito, minha filha, doce de laranja, doce de figo, biscoito, doce de leite...

E – E o pessoal das quadrilhas?

M – É tão bonito né que vem. Mas esse ano parece que não vai ter.

Intervenção do Seo José na entrevista → Seu João me mostrou a direção de sua casa em Tabocas, disse que admira muito a festa, principalmente nos dois últimos dias e relata como é o sítio. Diz que precisa fazer posso artesiano, pois na região não tem água suficiente para todos os festeiros – por isso ajudou a pedir dois caminhões pipa de água.

E - O senhor vai fazer poço artesiano?

Z - Vou aqui... mas tem que ver por que lá em Divinópolis tem que ter, para você furar a cisterna você tem que ter a licença...toma uma multa violenta. Ah não sei não, eu ia fazer a cisterna ali...ia fazer o furo, mas não sei se vou fazer. Logo na frente tinha um campo de futebol e um poceiro, dali pra lá é de outros primos meu, não tem nada a ver com os Frederico não. Ai aqui em cima tinha uma cerca e aqui o corgo, e ia ali mais embaixo uns trezentos metro, do outro lado era patrimônio da igreja. Ai que ficaram fazendo doação para um pra outro, fizeram doação pra um pra outro, mas nós mora lá em Divinópolis, nós somos dez irmão, eu sou o mais velho.

Seu Zé entrou na conversa.

S - Da casa da minha muié até a casa dele, juntou os dez que tirou os retrato, retrato da família, meu sogro é aquele ali (me mostra o sogro ajudando na construção da fogueira), depois que mudou la pra Divinópolis, né Zé, sempre falta um ou dois, ai juntou os dez de lá e os dez de cá. As família se revê aqui.

Z - Eu morava em Belo Horizonte. Ele morava lá também, ele morava no bairro Caetano Furquim e eu morava no Prado. Ai um dia nós fomos lá na casa dele, não sei se ele chegou a ir lá em casa...

S - Não, depois você foi para São Bernardo...

Z - Ai eu mudei pra São Bernardo... ai é o seguinte, ai eu resolvi ir embora para Divinópolis, minha esposa praticamente se considera de Divinópolis, porque ela foi pra lá, com idade de cinco anos, ai.eu fui o primeiro a ir para Divinópolis... Nós retornamos aqui pra festa.

Entrevista com Miricélia

E- Vocês eram em dez irmãos, tudo morando na roça por aqui?

M – É... e quando minha mãe morreu, por exemplo, eu sou a caçula né, eu fiquei com nove meses, aquela lá é minha irmã mais velha de todas, a Mércia...ai ficou a escadinha,.sabe? Minha mãe morreu nova, acho que foi com 25 anos que ela morreu...

E - Nossa com 25 anos ela teve dez filhos?

M – é dez filhos...nessa época era muito filho né..

E – Aqui em Tabocas mesmo que vocês moravam?

M – É.

E – O povo aqui tá tudo indo embora de tabocas.

M – É que vai casando, vai indo todo mundo embora, falar verdade tem muita gente que tá morando aqui que a gente nem conhece assim, sabe, vai mudando trocando...outros ficaram, mas muitos foram embora.

E- Eu olhei no IBGE, parece que havia seis famílias aqui só que trabalhavam, tirando leite, sabe?

M – Tem aquele lá, o Silvio, meu irmão, ele tem a fazendinha de lá, meu pai depois que faleceu, sabe como é que é, vai acabando tudo, vai mudando, ai não mexe com mais essas coisas não.

E – A senhora mora em Abaeté?

M – Não, eu moro em Martinho Campos. Martinho Campos, quer ver, tem eu, o Célio, a Mércia, os quatro que mora lá é irmão. Silvério e eu são quatro. Tá tudo dividido, lá em Abaeté tem um bocado, em Belo Horizonte tem um bocado, tudo esparramado.

E – Tem muita gente de Contagem/MG também né?

M – Tem o Salvio, por exemplo, que mora em Contagem mesmo. Ele tava ajudando lá na fogueira.

E – Ai vai fazendo o mutirão, enquanto eles estão montado a fogueira, vocês vão fazendo a comida?

M – É.

E – Igual lá no Parizinho (outra região rural de Abaeté), toda semana vai alguém pedir para plantar eucalipto nos sítios...

M – É o que eu falei, no tempo do meu pai, tudo a gente colhia era na roça né. Hoje em dia não tem mais essas coisas mais não. Meu pai plantava de tudo, a gente tirava a mandioca pra fazer farinha, polvilho tudo sabe. E nossa fazia umas rapadura, tem uma saudade, dá uma

saudade hoje não tem mais. Plantava arroz, a gente colhia, não precisava comprar arroz, nem feijão, criava galinha, porco, tinha tudo na roça, hoje nem isso tá fazendo mais, criar galinha, porco, acabou...foi tudo parando, o povo não quer mais mexer com isso mais não... A roça sem bicho fica ruim né, fica triste. Tinha um tio que nós gostava tanto, um tio que morava com nós, que morou muito tempo com nós, gostava demais dele, era como um pai pra nós, ele gostava demais da gente e a gente dele, ele gostava de tirar retrato no meio dos arrozais, tanto que ficava bonito, sabe, tudo amarelinho, ai ia tirar retrato lá...Trabalhava muito mas eu tenho saudade sabe, daquele tempo...

E – Era melhor que hoje, a senhora acha?

M – Ihh, muito mais, eu acho. Cê vê que meu pai lutou demais né, com esse tanto de filho, que minha mãe morreu nova uai. Não quis dá os filho pra ninguém criar, todo mundo pedia e ele não deu pra ninguém. Criou todos os filhos, e nunca quis casar de novo, você acredita? Ele era novo, morreu novo também, meu pai era bonitão ainda quando ele morreu.

M – Os irmãos são cinco mulheres e cinco homens. As mulher tudo com M, e os homens tudo com S. Era o Salmo, Salvio, Silvio, Silvério e Célio, o único com C. ai tem a Mércia, Maria Celia, Márcia, Mirléia e Miricélia que é eu.

M – Eu tenho duas filhas que moram em Pompéu... Meu marido trabalha em Belo Horizonte e é tão difícil para ele vir sabe... Teve leilão durante todo o dia. Durante o dia foi muito bom, ficou até tarde, quando foi depois da trezena o povo parece que tava cansado e foi embora.Vou te contar, é bom demais quando a gente reúne a família, então a gente junta os irmão tudo lá, mas é coisa melhor do mundo. No tempo do meu pai, na casa da Mércia, tem um banco lá, sabe aqueles banco de madeira, enchia aquele banco de gente todo final de semana, se precisa de ver, minha filha, meu pai gostava demais de tudo isso. Tem que tá sempre junto, eu acho importante. Até lá no fim que era de meu pai (acena com a mão as terras em Tabocas que era do seu pai), ai somos em dez né ai repartiu entre os irmãos, cada um pegou seu pedaço, ai nós tudo vendeu pro mesmo irmão, o Silvio. Não vende pra ninguém estranho. Até a casa que era da minha vó, mãe do meu pai né, ficou pro Silvio, o Silvio que mora lá e a casa tá certinha, sabe quando você conserta tudo, vai arrumando, não deixa acabar. Tudo lá do mesmo jeito do tempo da minha vó. Eu acho isso tão importante, eu acho que a casa nunca deve deixar acabar aquilo que a família deixou, fica a lembrança sempre.

E – Aqui não tem eucalipto plantado?

M – Tem não, mas um pouco lá pra cima já tem, é igual você falou, até meu irmão tá plantando, o povo tá plantando esse negócio de eucalipto, eu não acho isso certo, tampa tudo ... acho tão sem graça, se não acha não? Até a mina que tem lá em casa, todo ano tinha aquela mina. Sabe a mina? A mina secou, ela brota, mas seca rapidinho, porque é o eucalipto que atrapalha né, a água não continua brotando. E era uma beleza essa água na nossa porta, lavava as vasilhas, as roupas, tudo. Era bom demais. é tanta coisa que depois vai acabando, que dá uma saudade daquele tempo sabe.

E – Solo onde tem eucalipto não dá pra plantar muita coisa depois né?

M - Eu sei que o eucalipto chupa água tudo, a água do corgo vai acabando, aqui era muito melhor, esse corgo (córrego de Tabocas) era todo bonito, vinha gente de longe pra entrar nesse corgo, vai acabando tudo né.

E – É as empresas que arrendam ou os fazendeiros que plantam?

M – É mais os fazendeiros mesmo né. Aquela casa ali mesmo era do Salminho, faz muitos anos que ele vendeu e mudou pra Abaeté.

Entra Seu José Antonio na entrevista.

J – Tá fazendo 40 anos hoje, eu tava noivo e tava trazendo minha noiva para almoçar lá na casa da Joana, minha esposa fez aniversário domingo agora dia 10 e ela comentou sobre esse almoço. Eu almocei lá na Tabocas, na casa da Joana, isso vai fazer quarenta anos. Minha esposa é lá de Sabinópolis, lá perto de Diamantina, e eu morava em Divinópolis, ai eu fui pra Divinopolis e conheci ela lá. Ai nós ficamo noivo e viemo aqui em junho e em janeiro a gente casou.

E – aqui todo mundo tem um pé na roça né...

J – Nós morava lá pra baixo, a estrada que cruzava pra outra, lá o povo conhece por Pedregulho (nome da região rural), então nós morava lá.

E – O senhor também pertence a família dos Almeida?

J – Sou. José Antonio Pereira, divide um pouco, tem os Pereira de Almeida. Então o meu nome não entrou o Almeida. Ai então é o seguinte né, é eu, o Nô, o Rui Tiberi, a Mercinha, nós somos quase tudo da mesma idade, diferença só de mês, tudo de 1948. Tudo, tudo por volta dos 64 anos. Morava tudo aqui, nós estudava nesse grupo aqui, estudei nessa escola, estudei muitos anos aqui.

E – Então o senhor revive um monte de coisa.

J – Até chegar o meu quarto ano que eu fui para Abaeté para estudar no Barão de Indaiá. Estudar o quarto ano lá. Ai os meus dezessete eu fui para belo horizonte, aos meus dezenove anos eu fui pra Divinópolis, ai casei lá em Divinópolis, em 1972 eu fui pra Belo Horizonte, em 1989 voltei pra Divinópolis e eu fui pra lá e pra cá, e nós temos um rancho aqui no Paredão, nós vem muito no rancho aqui no Paredão, mais ou menos umas quatro vez no ano a gente vem pra cá, cê entendeu? Eu vou lembrar umas coisas ai, depois eu vou lembra eu te falar.

J – Cê lembra quando tinha uma cerca em volta da igreja, que essa igreja foi eu mais meu pai que fez?

E – Tem quanto tempo que o senhor ajudou a fazer essa igreja?

J – A igreja...foi mais ou menos 1967...eu e meu pai, só eu e meu pai.

E – o pai do senhor era...

J – Era o Edson...Edson Pereira de Almeida, filho do Figueiredo que é irmão do pai dela, que era o Zé Gato. O Zé Gato era do olho verdinho memo.

M – Era azul, azul da cor do céu.

J – Não...era verde. Ai então é o seguinte. Ele era muito esperto. E teve uma fama danada ai é o seguinte, ele era um dos melhor jogador de futebol de roça, foi chamado para jogar no Atlético, no Independente, lá em Martinho campos, ai depois dele, na outra geração, ai saiu eu, depois que estourou os meninos do nô, lá na bola. O Betinho era meu fama número um, falava que num tinha melhor de bola que eu.

E – O senhor jogou muita bola?

J – Joguei muita bola, eu torço pro Cruzeiro.

J – Pra você ver como é a memória, eu lembro de tudo a minha infância desde os cinco anos pra cá até hoje, tudo tudo....

REFERÊNCIAS

ABREU, Jean Luiz Neves. O imaginário do milagre e a religiosidade popular – Um estudo sobre a prática votiva nas Minas do século XVIII. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2001.

AMARAL, Rita. Para uma antropologia da festa: questões metodológicas-organizativas do campo festivo brasileiro. In: PEREZ, Léa Freitas; AMARAL, Leila; MESQUITA, Wania. Festa como perspectiva e em perspectiva. Rio de Janeiro. Garamond Editora, 2012.

BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na idade média e no renascimento - contexto de François Rabelais. São Paulo: HUCITEC, 1987.

BOSCHI, Caio César. "Irmandades, religiosidades e sociabilidade". In: RESENDE, Maria Efigênia Lage de; VILLALTA, Luiz Carlos. Belo Horizonte. História de Minas Gerais– As Minas Setecentistas. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007. p. 59-77.

BRAGA, Antonio . Entre o Piauí e São Paulo: dádiva, ser parente e reciprocidade entre migrantes do sudoeste piauiense, Brasil.. In: Rosana Baeninger; Claudio Dedecca. (Org.). Processos Migratórios no Estado de São Paulo Estudos Temáticos. 1 ed., Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População - Nepo/Unicamp, 2013, v. 10, p. 309-324.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A cultura na Rua. Campinas: Editora Papirus, 1989. 219p.

_____, Carlos Rodrigues. Casa de Escola: cultura camponesa e educação rural. Campinas: Editora Papirus, 1983. 248p.

CALDEIRA, Vanessa Alvarenga. Caxixó: um povo indígena feito de mistura. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2006.

CAILLÉ, Alain. Antropologia do dom. O terceiro paradigma. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.

CÂNDIDO, Antônio. Os parceiros do rio bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação de seus meios de vida. São Paulo. Ed.34, 2001.

CERTEAU, Michel de. A escrita da história. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1982.

CHIANCA, Luciana de Oliveira. “Quando o campo está na cidade: migração, identidade e festa”. In: Sociedade e Cultura, v 10, n° 1, jan/jun 2007, p. 45-49.

_____, Luciana de Oliveira. “Devoção e diversão: expressões contemporâneas de festas e santos católicos”. In: Revista Anthropológicas: ano 11, volume 18(2), 2007. p. 49-74.

CORRÊA, Roberto (orgs).O retorno para a festa e a transformação mágica do mundo: nos caminhos da emoção. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2001.

DAMATTA, Roberto O oficio de etnólogo ou como ter anthropological blues. In: NUNES, E. de O. A aventura sociológica. (p 23-35) Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

DUVIGNAUD, Jean. Festas e civilizações. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

FAVRET- SAADA, Jeanne. Ser Afetado. In: Cadernos de Campos, n° 13. São Paulo: FFLCH/USP, 2005.

FILHO, Antônio Pimentel Pontes. Os filhos e “afilhados” de São Francisco de Assis: a construção da identidade religiosa e do parentesco da família franciscana”. Tempo da ciência. Toledo, (13). Jul/Dez, 2006.

GALLI, Maria Lúcia Peccioli. Santo Antônio por Vieira. Dissertação (Mestrado em História). Departamento do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas: 2003.

GODBOUT, Jacques. O espírito da dádiva. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas (FGV), 1999.

GOLDMAN, Márcio . Jeanne Favret Saada, os afetos, a etnografia. In: Cadernos de Campos, n° 13. São Paulo: FFLCH/USP, 2005.

GOMES, Cristhianne Luce. Lazer, Trabalho e Educação – Relações históricas, questões contemporâneas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

HALBWACHS, M. A memória coletiva. Editora Revista dos Tribunais. Edições Vértice. São Paulo, 1990.

LEFEBVRE, Henri. La presencia y laausencia: contribuicion a La teoria de lãs representaciones. Tradução de Óscar Barahona; UxoaDoyhambouke. Fondo de Cultura Economica: México, 1980.

MAIA, Carlos Eduardo Santos. “Religião, Identidade e Território”. In: ROSENDAHL, Zeny;

MARTINS, José de Souza. O vôo das andorinhas: migrações temporárias no Brasil. In: Não há terra para plantar neste verão: o cerco das terras indígenas e das terras de trabalho no renascimento político do campo. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. São Paulo, SP: Cosac e Naify, 2003.

MENEZES, Renata de Castro. Devoção, diversão e poder: um estudo sobre a Festa da Penha. Dissertação de mestrado do PPGAS, UFRJ/Museu Nacional, 1996

MESQUITA, Wania. Festa como perspectiva e em perspectiva. Rio de Janeiro. Garamond Editora,2012.

MIRANDA, Célio Roberto Turino de Na trilha de Macunaíma: ensaio para uma política pública de lazer. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2004.

MOREIRA, Sueli Aparecida. Alimentação e comensalidade; aspectos históricos e antropológicos. Revista Ciência e Cultura, v.62, n°4 2010

NETO, Maria João Baptista. Wilhelm Ludwig von Eschwege (1777-1855), um percurso cultural e artístico entre a Alemanha, o Brasil e Portugal” in Actas do VII Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte, Faculdade de Letras do Porto, Porto, 2007, pp. 385-392.

NORONHA, Gilberto Cézar de. Entre saudades e dores: Estratégias de identificação e formas de enunciação do Oeste de Minas Gerais. Anais: XXVII Simpósio Nacional de História. ANPUH, Natal, 2013.

_____, Gilberto Cézar de. Das relações de poder no oeste de Minas Gerais. Opsis, Catalão,n.2, Jul/Dez 2012.

_____, Gilberto Cézar de. Abaeté. In: MIRANDA, Dalton Fernando de; NOGUEIRA, Guaracy de Castro. Centro Oeste Mineiro – História e Cultura. Itaúna: Totem - centro gerador de cultura / Instituto Cultural Maria de Castro Nogueira, 2008.

_____, Gilberto Cézar de. Joaquina do Pompéu: tramas de memórias e histórias nos sertões do São Francisco. Uberlândia, Edufu, 2007.

OLIVEIRA, José Alves de. História de Abaeté (temperada com sal e pimenta). Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1970.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O ofício do antropólogo, ou como desvendar evidências simbólicas. In: Anuário antropológico/2006. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2006.

PEREZ, Léa. Festa para além da festa. . In: PEREZ, Léa Freitas; AMARAL, Leila;

_____, Léa. Festas e viajantes nas Minas oitocentistas. In: II Colóquio Festas e sociabilidades, 2008, Natal. Anais disponíveis em http://anaiscoloquiofestas2.wordpress.com

_____, Léa. Antropologia das efervescências coletivas. In: PASSOS, Mauro (org.). A festa na vida: significado e imagens. Petrópolis: Vozes, 2002.

SOUZA, Marcelo Lopes de. Território do Outro, Problemática do Mesmo? IN:Rosendahl, Zeny; Corrêa, Roberto Lobato:Organizadores. Religião, Indentidade e Território..Rio de Janeiro:Eduerj,2001.p 145-176.

TOSTA, Sandra de Fátima Pereira. A missa e o culto vistos do lado de fora do altar: religião e vivências cotidianas em duas comunidades eclesiais de base do bairro Petrolândia, Contagem/MG. Tese (Doutorado em Antropologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas de São Paulo. São Paulo, 1997.

VAINFAS, Ronaldo. SOUZA. Juliana Beatriz de. Brasil de Todos os Santos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2000.

VELHO, Gilberto. Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea, 2° ed. Jorge Zahar, 1997.

ANEXO

SALVE

Santo Antonio das Tabocas

ABAETÉ

13 - JUNHO - 68

Os Festeiros: Vv. Jader de Moura
Cel. Antonio Norberto dos Santos

Resumo histórico de Abaeté

Em 1842, os fazendeiros desta região, encabeçados pelos capitães Pedro Alves de Souza, Davi José Pereira e Antônio Teodoro de Mendonça, conhecido por "Nico Teodoro", resolveram fundar aqui um arraial, a fim de se tornarem mais acessíveis a suas famílias o recursos próprios de um núcleo de população. O local onde hoje está a cidade era então um recanto da fazenda da Maritaca, propriedade do espólio do primeiro Antônio Teodoro de Mendonça pai de Nico Teodoro, que, por isto, teve facilidade em obter a cessão do terreno necessário Inicialmente, erigiram uma capela tôsca, coberta de palhas de indaiá, no mesmo local onde hoje se acha a igreja matriz, capela que consagraram a N. S. do Patrocínio; e em volta dela foram-se levantado as primeiras casas do "Arraial Nôvo de N. S. do Patrocínio da Marmelada", que tal foi seu Primeiro nome, tomado à padroeira e ao ribeirão que banha o lugar.

Desenvolvendo se ràpidamente o povoado, apenas cinco anos após sua fundação foi elevado a distrito de paz, com território desmembrado dos distritos de Quartel Geral e Morada Nova.

O nôvo distrito ficou integrando o município de Pitangui e a paróquia de Dôres do Indaiá. Com a criação do município de Dôres do Indaiá instalado em 1854, para ele passou o nosso distrito da Marmelada.

Em 1864 foi o lugar elevado a paróquia e, por lei de 1870, a vila e sede de município e têrmo judiciário, tendo sido o primeiro Presidente da Câmara e chefe do executivo municipal o tenente-coronel Antônio Zacarias Álvares

da Silva, mais tarde galardoado com o título de Barão do Indaiá. Era êle o chefe político do lugar e foi graças ao seu trabalho que o povoado se emancipou.

Em 1877, pela lei n.o 2 416, foi a vila da Marmelada graduada em cidade, com o nome de Abaeté, instalando-se ela no dia 6 de Janeiro de 1879. A comarca foi criada e instalada em 1892, tendo sido suprimida em 1905 e restabelecida em 1921.

Um dos fundadores de Abaeté, o cap. Davi José Pereira, era dono da fazenda do Saco Redondo, que abrangia o antigo e atual povoado de Tabocas. Pôs êle a estudar no Seminário seu filho Davi José Pereira Júnior, que em 1857, já era padre e residia com os pais naquela fazenda. Deve datar dessa época a construção da primeira capela das Tabocas, no antigo povoado dêste nome, capela que o cap. Davi provàvelmente construiu para facilitar ao filho sacerdote o exercício de suas ordens. De fato, o padre Davi ali fêz muitos casamentos e batizados.

Essa primeira capela e o povoado anexo desapareceram, tragados pelas barrocas que se alastraram no lugar. Para substituí-la, o povo constuiu em outro local a atual capela, consagada como a primeira, a Santo Antonio, tendo sido benta em 13 de jnnho de 1918 pelo padre Vicente de Mendonça.

(Dados extraídos da "História de Abaeté", livro em vias de publicação, do dr. José Alves de Oliveira).